

EDIÇÃO ESPECIAL



SELEÇÃO AUTORES  
BRASILEIROS

795  
Artes e Revolução



# 795

Artes e Revolução

**EDIÇÃO ESPECIAL**

**SELEÇÃO AUTORES BRASILEIROS**

**SEMANA DE ARTE ILHABELA 2020**

©Editorial Fundação Teatromuseo

Editora e responsável legal  
Javieria Silva Ábalos

Ilustrações  
Constanza Valenzuela Albornoz

5 - 7

## **EDITORIAL**

8 - 11

## **COLABORADORES**

desta edição

13 - 19

## **Por quê faz todo sentido biológico entender nossa historia?**

Por Pablo Santurbano

21 - 45

## **Elas nunca vão andar sozinhas**

Por Roberto Almeida

47 - 49

## **O humor e a cura**

Por Nadja Moraes

51 - 61

## **O outro lado de Ilhabela**

Por Javiera Silva Abalos

63 - 75

## **Relação entre bonecos e poder**

Por Luiz André Cherubini

77 - 89

## **A vez delas**

Por JP de Souza, Quelselise  
Rodrigues, Raquel dos Santos

91 - 99

## **O teu futuro**

Por Lala Deheinzelin

# **ÍNDICE**





795, Artes e Revolução, chegou ao Brasil. Especificamente à Semana de Arte de Ilhabela. E assim, nossa revista pela primeira vez será publicada em português, o que esperamos, seja só o começo de uma história de futuras edições em diferentes contextos e situações. Através de eventos, como esse, que promovem a economia criativa e colaborativa.

A Pandemia não acabou, embora estamos dando um jeito de voltar às ruas e botar a máquina para andar. O mundo não mudou muito, mas consigo enxergar que pequenas mudanças de atitude começam a ser normalizadas entre alguns grupos de pessoas. Pois, uma coisa é fato, a Pandemia nos afetou a todos. E de nós depende querer mudar o que podemos mudar, para contribuir com algo, para fazer do nosso entorno um lugar melhor, ou simplesmente para sentir-nos bem com nós mesmos, que isso já é bastante.

Essa edição começa pela ciência e a antropologia que é transversal a



### JAVIERA SILVA ÁBALOS

Editora Revista 795

tudo, passa pelas artes, o fantástico, o que nos revela nossa sensibilidade e o poder da criatividade e vai até a colaboração, que eu creio que seja o único caminho possível, para realmente contribuir com uma mudança e ser responsáveis pelo nosso futuro.

A evolução, tão negligenciada na nossa sociedade, nos evidencia o que somos e em que nos tornar-mos. Somos Homo sapiens há 350 mil anos, e até 12 mil anos atrás éramos caçadores - coletores, e, nesse tempo, evolu-

## EDITORIAL

ímos de agricultores para uma sociedade industrial, e aqui estamos. Não podemos ignorar que dentro de nós, biologicamente falando, tem mais de caçador-coletor do que de pós modernistas e cyborg.<sup>1</sup> E tanto tempo nessa ignorância tem nos levado a colocar nossa saúde em detrimento dos nossos costumes, da nossa cultura. Olhar para telas a maior parte do dia com certeza não está na nossa agenda biológica, nem passar horas e horas continuamente sentados fazendo uma atividade só, nem em esse ritmo exponencial em que tudo deve estar pronto para ontem.

Temos tanto que aprender dos que levam muito mais tempo que nós nesta terra, dos indígenas, que já conheciam essas florestas, nascentes, montanhas e oceanos muito antes que nós: brancos

que só faz um piscar de olhos chegamos de outro continente para importar e impor uma crença e um modo de vida. O que podemos nós saber dessas terras se nunca ouvimos o que eles tinham para nos dizer?

Eu fico admirada com o trabalho das mulheres Yarang, que em 10 anos juntaram mais de três toneladas de sementes e plantaram mais de um milhão de árvores, para reflorestar a Amazônia. Considerando que só no último ano teve um aumento de 34%<sup>2</sup> no desmatamento das florestas amazônicas—9.2 mil quilômetros quadrados de floresta foram derrubados, o equivalente a seis municípios de SP— as mulheres Yarang estão fazendo o que nenhum órgão do governo fez. Mas continuamos sem escutar.

Pulamos do conhecimento indígena para o poder da arte. O poder da manifestação. Afinal, o quê somos sem arte?

E da arte, o humor, algo tão primordial e tão esquecido na nossa sociedade, em que ser sério é ser respeitável. Mas, o quê somos sem humor?

Somos os únicos animais que temos o poder de rir e fazer rir. Os povos indígenas costumam ter uma figura

1. Termo cunhado nos anos 60 e adotado pela pensadora e feminista do século XX Donna Haraway quem em 1985 publicou o Manifesto Cyborg (1985).

2. [www.jornal.usp.br/ciencias/desmatamento-da-amazonia-dispara-de-novo-em-2020](http://www.jornal.usp.br/ciencias/desmatamento-da-amazonia-dispara-de-novo-em-2020)

## EDITORIAL

que representa o riso, que é o brinca-lhão e que também pode questionar e criticar, sem ofender. As civilizações antigas tinham o bufão.

Porque os artistas sempre tiveram esse poder de dizer através da arte. Não é raro que tenham sido censurados em todos os governos autoritários. Se tem censura da arte, preste atenção porque isso é costume de ditador.

A arte consegue quebrar barreiras sociais, mas quem produz arte comumente teve acesso a educação, a um certo capital cultural e social. Infelizmente os sistemas pós conquista levaram a que a arte fosse restrita para os círculos burgueses. A forma que vemos a arte também foi importada de outro continente.

Mas, a tecnologia e as redes têm nos permitido de alguma maneira ampliar esse círculo, pois estamos na era da informação, da democratização da informação. E com isto temos mais ferramentas para quebrar, mesmo que seja numa pequena medida, com algumas desigualdades históricas, não que tenhamos avançado muito, mas pelo menos se discute mais. E é no diálogo que começam as mudanças.

O acesso à educação permite democratizar o pensamento, conscientizar, revelar às práticas patriarcais e colonialistas, ampliar a concepção de arte, e empoderar-nos como entes transformadores. Quando, claro, contamos com educadores conscientes.

Creio que tudo isso consegue se conectar na colaboração. O pensamento colaborativo é completamente evolutivo, ancestral, permite criar e desenvolver projetos criativos, e poupar energia ao planeta e aos indivíduos, conseguindo melhores resultados com menos investimento de recursos. Uma visão colaborativa é tão necessária na vida como nos negócios. Imagino um futuro em que sistemas colaborativos conseguem se sobrepor aos sistemas atuais.

Imagino um futuro em que as pessoas possam ter mais tempo para refletir, contemplar, compartilhar; e em consequência mais e melhores ideias para colaborar na construção do nosso futuro, e mais arte em nossas vidas. Mais tempo para nos humanizar.

# COLABORADORES

## DESTA EDIÇÃO

LALA DE HEINZELIN



PÁGINA 91

É futurista desde 1995, especialista em Novas Economias, e é uma autoridade internacional nesses assuntos, pioneira no desenvolvimento de métodos e ferramentas para aplicá-los. Trabalhou em quatro continentes assessorando corporações, governos, organizações e sistema ONU. Tem ampla atuação em âmbito Iberoamericano. É pioneira em Economia Criativa no Brasil e considerada uma das quatro top futuristas da América Latina e Central. Também indicada como uma das 100 mulheres do mundo que estão co-criando um futuro colaborativo. Sistematizou a Fluxonomia 4D (estudos de futuro + novas economias) e criou o movimento Crie Futuros. Realizou quase 1000 palestras sobre temas de inovação, futuro e desenvolvimento sustentável. Autora de: Novas Economias Viabilizando Futuros Desejáveis; Desejável Mundo Novo, e compilações sobre Economia Criativa e Colaborativa no Brasil e no estrangeiro.



ROBERTO ALMEIDA

É jornalista, magister em Antropologia por Goldsmiths College, University of London. Trabalhou em política nacional para o jornal O Estado de São Paulo e em política internacional como correspondente freelance em Londres e Berlim para meios de comunicação brasileiros. Colaborou com projetos de meios digitais, com ênfase em infância e direitos humanos. Atualmente é jornalista para alternativas econômicas no Instituto Socioambiental (ISA). Trabalha na promoção de cadeias produtivas de povos indígenas.



NADJA MORAES

É palhaça profissional faz 17 anos, nasceu em Brasil, formou-se com os Doutores da Alegria e especializou-se em Humor em SP Escola de Teatro. Trabalhou em ONG's, hospitais e empresas, usando recursos cênicos de forma terapêutica. Atua como professora e pesquisadora do humor do palhaço pelo mundo.



JOÃO PAULO DE SOUZA

É doutor em educação da UNESP, Marília

QUELSELISE RODRIGUES  
XAVIER

Licenciada em Química por la Institución Cruzeiro do Sul),

RAQUEL DOS SANTOS CANDIDO DA SILVA

Magister em Educação da UNESP, Marília). Elas são professoras e ele coordenador do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) de Marília, SP, que pertence ao programa Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Todos eles criaram e levaram a prática o projeto “A vez delas”, que traz reflexões em torno ao papel transformador da educação.





LUIZ ANDRÉ CHERUBINI

É fundador do Grupo Sobrevento, companhia de teatro de São Paulo, Brasil. Diretor de teatro, bonequeiro e ator. Graduiu-se em Comunicação Social / Jornalismo, pela UFRJ, e em Artes Cênicas / Direção Teatral, pela Uni-Rio. Foi Professor de Teatro de Animação na USP e deu cursos em vários países. Com Sobrevento, tem se apresentado em festivais de quase vinte países e dedica-se à pesquisa teórica e prática do Teatro de Bonecos, Teatro de Objetos, Teatro para Infância e Juventude e Teatro para Bebês.



PABLO SANTURBANO

É autor do livro *Evolução e Movimentação Humana* (2017), Fisioterapeuta especialista em Fisiologia do Exercício. Sua área de atuação faz 14 anos é a Fisioterapia musculoesquelética. Também oferece palestras, simpósios, conferências em cursos de pós graduação e extensão. Autor de treinamento para profissionais da saúde e do movimento, com centenas de profissionais certificados no Brasil.





POR QUÊ FAZ TODO  
SENTIDO BIOLÓGICO

# ENTENDER NOSSA HISTÓRIA?

Por Pablo Santurbano

Estudamos história não para conhecer o futuro, e sim para ampliar nossos horizontes, entender que a nossa situação presente não é natural nem inevitável e que, conseqüentemente, existem mais possibilidades diante de nós do que imaginamos.

Harari YN, 2015

**H**á 60 mil anos, mudamos radicalmente as regras do jogo dos organismos vivos. Passamos a transmitir uma quantidade enorme de informações cada vez mais complexas por meio da linguagem e das realidades imaginadas coletivamente. Mas tudo isso só foi possível por causa das prévias mudanças bio-

lógicas que aconteceram ao longo do tempo e resultaram no que chamamos hoje de *Homo sapiens*. Nossos corpos adaptaram-se a ponto de permitir cérebros altamente complexos capazes inventar ficções que alteram o comportamento de grandes grupos rapidamente. Exemplos dessas ficções são os deuses ou o dinheiro. O problema

é que, mesmo com tanto desenvolvimento cultural e tecnológico, ainda hoje não conseguimos suplantar as configurações biológicas “de fábrica” da nossa espécie. E, portanto, estas atuam como fator limitante da nossa evolução sociocultural.

Yuval Noah Harari, autor do best seller *Sapiens: uma breve história da humanidade*, tem uma analogia bem útil para explicar tais limitações. Ele sugere que as nossas características biológicas sejam representadas por um campo, um estádio no qual se pratica jogos coletivos, e que os desdobramentos socioculturais seriam o jogo que você joga naquele local, como por exemplo, futebol. Não conseguiríamos, em um mesmo estádio em que se joga futebol, jogar sem adaptá-lo, por exemplo, uma partida de golfe, de vôlei ou de basquete.

Sendo assim, independente de gostarmos ou não, nossos comportamentos que advém do desenvolvimento cultural são limitados pelos nossos organismos. Desde engordar até acreditar em fake news, muitos problemas que enfrentamos hoje podem ser explicados por nossas características biológicas evolucionárias. E para entender

melhor quais são nossas características orgânicas naturais, precisamos recorrer a ciência evolutiva, um campo da Biologia que se ocupa em tentar explicar o motivo de sermos do jeito que somos hoje.

Estudar evolução biológica humana nos força a entender que há menos de 500 gerações todos os humanos neste planeta viviam um estilo de vida de caça e de coleta. Isso significa que é algo muito novo para humanos passar quase toda a sua vida no mesmo lugar, se alimentar de uma dieta predominantemente de amido e ter o máximo de filhos possível, uma vez que esses são hábitos de humanos agricultores, que surgiram há apenas 12 mil anos. Imagine, então, o quão novo é para a nossa espécie locomover-se sentado sobre um automóvel e se entreter por telas.

Sabemos atualmente que os primeiros humanos, datam de 350 mil anos. Desta forma, é possível que tenhamos passado 14 mil gerações vivendo como as pessoas que vivem da caça e da coleta de hoje. Nossos ancestrais dessa época faziam, por exemplo, uma gama muito ampla de movimentos, como andar, correr, agachar, escalar, cavar,



arremessar, lutar etc. para conseguir o que comer. Bem diferente dos dias de hoje, que basta pedir comida pelo aplicativo do telefone. Eles faziam muita atividade física, mas por pouco tempo, trabalhando bem menos do que as 40 horas semanais da nossa sociedade e, por isso, existia muito tempo livre. O ócio era, portanto, uma parte importante de suas vidas. Mas já voltamos a esse assunto logo mais.

Além de tempo livre abundante, ao invés de trocar mensagens de texto, nossos ancestrais tinham relações sociais presenciais intensas e prolongadas com os membros do clã. Entretinham-se por histórias e se relacionando, por-

que não tinham à disposição centenas de séries disponíveis por stream. Essas histórias que eles contavam provavelmente os ajudavam a sobreviver em grupo, ajudando-os a se prepararem para a próxima estação ou evitarem comportamentos nocivos. Embora atualmente essa predisposição a acreditar em histórias acaba sabotando a nossa própria existência, como acontece com as teorias da conspiração e algumas ideologias.

Apesar dessas diferenças enormes com o nosso estilo de vida, é importante reconhecer as maravilhas do mundo que vivemos hoje, ao menos em termos de possibilidades, e tentar

# **O USO DE UMA TECNOLOGIA QUE SUPRE UMA FUNÇÃO FISIOLÓGICA AFETA A CAPACIDADE ORGÂNICA CORRESPONDENTE.**

não romantizar o modo de vida caçador-coletor, uma vez que muitas coisas ruins acompanham esse estilo de vida, para citar algumas das piores: uma alta mortalidade infantil é a regra e os acidentes fatais são relativamente comuns. Porém, caçadores-coletores não morrem de doenças cardiovasculares como a gente, possivelmente porque se movimentam muito. Nem sofrem tanto com as dores musculoesqueléticas, as condições que mais afastam as pessoas das suas vidas social e prática atualmente.

Um raciocínio evolutivo, nos ajuda a entender o porquê, uma vez que o uso

de uma tecnologia que supre uma função fisiológica afeta a capacidade orgânica correspondente. Por exemplo, você já parou para refletir que quanto mais usamos automóveis para nos locomover mais inaptos nos tornamos em relação à caminhada ou à corrida? Numa análise evolucionária, poderia ser dito que usamos uma tecnologia, o automóvel, que supre uma função orgânica, o deslocamento bípede, e, deste modo, passamos a “atrofiar” tal funcionalidade natural.

Podemos entender também por que tão difícil fazer exercício e sermos mais saudáveis. Já que (infelizmente)



a natureza não nos preparou diretamente para termos saúde, mas sim para cumprir o nosso potencial biológico. Enquanto fizemos aquilo para o que fomos moldados para fazer (atividade física abundante e generalista e alimentação restrita, por exemplo), mantemos indiretamente a nossa saúde, como um subproduto.

Como as pessoas que vivem da caça e da coleta são pelo menos duas vezes mais ativas do que nós, pessoas que vivem em sociedades pós-industriais contemporâneas, a atividade física extra (como sair para uma corridinha sem a chance inerente de voltar com comida) representaria uma tremenda desvantagem biológica. Neste contexto, o repouso, por poupar energia e favorecer a sobrevivência, foi uma característica gravada pela evolução na nossa espécie. Assim, faz sentido que caçadores-coletores descansem sempre que possível, porque lutam para manter o balanço energético. Em contrapartida, atualmente sofremos um viés por causa dessa necessidade de repousar: somos preguiçosos inveterados. E já que não somos mais obrigados a nos movimentar, temos

problemas que nossos ancestrais não tinham, como obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e dores musculoesqueléticas, como já falei.

Nossos ambientes, por sua vez, não nos ajudam muito, uma vez que não são projetados para estimular, para extrair, uma movimentação mais condizente com a nossa natureza. Pelo contrário, o conforto parece ser a regra norteadora ao se elaborar um ambiente. E só para esclarecer, não há nada de ruim no conforto, o problema é que a nossa realidade biológica está distante do descanso e da inatividade crônica, ou seja, repouso feito por grande parte do dia não faz bem pro bicho humano.

A negligência do conhecimento sobre a nossa história biológica, contudo, não é uma realidade exclusiva da Arquitetura, das Ciências da Tecnologia ou das Ciências da Saúde, minha área de atuação. A negligência da nossa história enquanto espécie é uma questão cultural e social. Não acessamos este tipo de conhecimento e quase ninguém sabe explicar muito bem o motivo. O que é mais fácil de explicar, no entanto, seriam os benefícios de se incorporar um raciocínio evolutivo nas

# PASSAR POR PERÍODOS DE OCIOSIDADE É FUNDAMENTAL PARA UM PENSAMENTO FLEXÍVEL E CRIATIVO

questões que enfrentamos. A partir desse tipo de conhecimento, é natural começar a se questionar sobre as nossas estruturas sociais, nossas cidades e comportamentos contemporâneos e se estes representam mesmo uma boa maneira de se viver.

Como prometido, volto àquela questão sobre o ócio ser algo frequente entre os povos caçadores-coletores para exemplificar uma enorme contribuição de um raciocínio evolutivo

para um problema atual: o nosso ritmo de vida. Não sei se você já reparou, mas nunca antes tivemos tantas facilidades para resolver os problemas dia-a-dia, tantos recursos para nos ajudar, mas ao mesmo tempo nunca estivemos tão ocupados. Estamos conectados o dia inteiro com aqueles que amamos e queremos passar mais tempo juntos, mas estamos conectados também com mais demandas tanto de trabalho e quanto de coisas

que nem existiam até pouco tempo, como responder todas as mensagens do aplicativo ou rolar todo o feed da rede social.

O pior de tudo é que o nosso cérebro não evoluiu para ficar focado por tanto tempo nem com tanta intensidade. Passar por períodos de ociosidade é fundamental para um pensamento flexível e criativo, uma das principais características do pensar humano que produz inovações, ideias e descobertas. E você se engana se acha que é para o cérebro descansar. Na verdade o cérebro fica ainda mais ativo como um todo quando não estamos com a atenção focada em uma tarefa específica. Essa atividade é reflexo de áreas responsáveis por ligar conceitos, conhecimentos, sensações e pensamentos que não se relacionam a princípio, formulando novas ligações e, conseqüentemente, novas ideias e associações.

Sem ficar nesse estado, nosso cérebro está fadado a se manter em ideias já conhecidas, o processo diametralmente oposto daquele que gerou to-

das as inovações tecnoculturais que nos trouxeram até este exato momento da nossa história. Se você quiser experimentar esse estado, e os conseqüentes benefícios dele, você pode começar se movimentando mais, caminhando mais, contemplando mais e usando menos o seu celular. Em geral, sendo mais humano, no sentido biológico da palavra.

A ignorância sobre o que nos fez humanos e a conseqüente ausência de planejamentos sobre as nossas próprias vidas, física, social e psicológica, podem ter sido os principais responsáveis pelo atual caos generalizado dos grandes aglomerados urbanos, que acabam gerando muito sofrimento psicossocial e biológico também, prejudicando nossa saúde biopsicossocial. Olhar para o passado pode ser a nossa única chance de aprender sobre nós mesmos e sobre o porquê fazemos as coisas que fazemos.



# ELAS NUNCA VÃO ANDAR SOZINHAS

O Movimento das Mulheres Yarang, do Território Indígena do Xingu (MT),  
festeja 10 anos de trabalho coletando sementes para a restauração das  
florestas nas bacias dos Rios Xingu e Araguaí.

Por Roberto Almeida<sup>3</sup>

Jornalista do ISA

Fotos: Carol Quintanilha/ISA/ Vídeo: Fernanda Ligabue

3. Publicação do Instituto Socioambiental (ISA) em [www.medium.com](https://www.medium.com) 10 de  
julio de 2019.





**M**ulheres e jovens em fileira-das saem em caminhada da aldeia Arayó. A tiracolo levam cestos, facões, beijus, água, crianças pequenas. O passo é tranquilo, pressa para quê, mesmo com o sol de fim de maio torrando a poeira da pista de pouso do pólo Pavuru, Território Indígena do Xingu (MT).

A conversa entre elas é constante. O assunto: sementes.

Quais vamos coletar? Onde? Uma trilha à esquerda e a mata se encerra, abrindo frestas só para roças de mandioca, cercadas contra ataques de porcos do mato. Por ali ficava a antiga aldeia Moygu, abandonada em 2011. Pequizeiros enormes vibram com a brisa na luz da manhã.

Meio caminho andado e uma criança aponta para um pequeno buraco no chão da trilha. Em um instante, ela traz, grande e potente, uma formiga cortadeira que parece entorpecida entre seus dedos. Na língua Ikpeng, uma Yarang.

Os Ikpeng são um povo de língua Karib que vive no Território Indígena do Xingu (MT). Segundo o último censo (2014), eram ao todo 477 pessoas.

Yarang é símbolo e nome do movimento de mulheres Ikpeng que, há 10 anos, coleta sementes para reflorestar as nascentes dos rio Xingu e Araguaia, no Mato Grosso, e onde mais o branco tiver desmatado no Cerrado e na Amazônia.

Adiante em passo firme, formiga cortadeira devolvida ao chão, as Yarang buscam nesse trecho específico de mata sementes de jatobá, leiteiro, carvoeiro, cafezinho do pasto, mamoinha, lobeira e outras dezenas de espécies.

Em parada repentina, todas se sentam no chão. Com as mãos ou com os facões, começam a limpar a camada de folhas secas para descobrir muricis-da-mata, quase invisíveis de tão pequeninos. A dinâmica muda. Agora é hora de coletar.

Mulheres, jovens e crianças conversam, riem, brincam, sob a sombra do muricizeiro. Recolhem as frutinhas amarelas e agridoces, chupam a polpa com caras contentes e põem as sementes nos cestos, com cuidado.

A caminhada ao encontro do muricizeiro: um trabalho sempre em equipe que une mulheres, homens e crianças.



^

Para Magaró Ikpeng, “plantar florestas” era algo impensável. Hoje, é um orgulho cuidar das nascentes do rio Xingu, que passa por sua comunidade.

“O movimento das mulheres é um conjunto”, reflete Koré Ikpeng, liderança Yarang da aldeia Arayó. “Convidei todas as Yarang para coletar sementes, tomamos banho cedo e viemos. Viemos para conversar, trocar ideias. É uma atividade coletiva, de união das mulheres.” “A gente incentiva, ensina os conhecimentos sobre sementes para os jovens”, continua. “E não é só as meninas que trabalham. Os meninos também. Meus netos estão aí. A gente orienta, a gente convida, eles vão aprendendo.”

Veloz como as formigas cortadeiras, o grupo termina a jornada com cestos cheios em menos de uma hora. Agora é hora de voltar.

Chega ao fim mais uma coleta entre tantas que, ao longo de 10 anos, totalizaram 3,2 toneladas de sementes florestais e geraram R\$ 105 mil em renda direta para as 65 mulheres participantes do Movimento das Mulheres Yarang, parte da [Associação Rede de Sementes do Xingu \(ARSX\)](#).

Trabalho duro de mulheres fortes que já resultou em um plantio aproximado de 1 milhão de árvores.

A caminhada ao encontro do muricizeiro: um trabalho sempre em equipe que une mulheres, homens e crianças.





## MULHERES FORTES, QUE HONRAM SEUS COMPROMISSOS

Primeiro dia de festa, 24 de maio, e o tempo fecha rápido, com chuva forte. Magaró Ikpeng, liderança Yarang da aldeia Moygu, explica: é a chegada do espírito que acompanha as mulheres na coleta de sementes.

As comitivas Wauja, Kawaiweté, Matipu, todas do Território Indígena do Xingu, e Xavante, da Terra Indígena Pimentel Barbosa (MT), são recebidas pelo aguaceiro, bem como os coletores de sementes dos assentamentos de Bordolândia, São Félix do Araguaia e Canabrava do Norte (MT).

Mais de 150 pessoas estiveram presentes na festa de 10 anos do Movimento das Mulheres Yarang. A todo, 43 jovens Ikpeng trabalharam na produção do evento, entre cozinha, transporte e limpeza da aldeia.

O minge (lê-se menhê), Casa dos Homens no centro da aldeia Moygu, é ocupado pela força das Yarang, suas falas potentes e seus cantos. Com microfone na mão, lideranças de dentro e fora do Território Indígena do Xingu exaltam o jeito de trabalhar das mulheres, e a franqueza para cumprir (ou não) a entrega prevista de sementes.

“A gente é assim. Tem que combinar, tem que fazer, tem que entregar. Se a gente encontrar dificuldade, a gente avisa. Quando não dá, não dá. O que for de nosso alcance, vamos fazer ao máximo para cumprir com a nossa palavra”, diz Makawa Ikpeng, liderança Yarang da aldeia Moygu.

Gostamos de falar sobre as sementes. A gente não espera ninguém falar para a gente fazer. Nós, mulheres



Ikpeng, somos de grupo. Somos um movimento. Estamos em movimento —complementa Koré Ikpeng.

“O fato é que são mulheres fortes, que honram seus compromissos”, explica Bruna Dayanna Ferreira de Souza, diretora da Associação Rede de Sementes do Xingu, que gere e comercializa as sementes coletadas pelo Movimento das Mulheres Yarang.

Com Magaró, Makawa e Koré à frente, as Yarang são motivo de orgulho na aldeia e fora dela, entre homens e mulheres. “Minhas filhas estão coletando sementes para plantar e recuperar o que está destruído em nosso

território”, afirma o cacique Kampot Ikpeng. “Precisamos nos unir. Hoje somos parentes, parceiros, e a floresta depende da gente”, continua.

Makawa Ikpeng celebra os 10 anos do movimento. No quadro, os dizeres “As mulheres Yarang reflorestando o mundo”.

Watatakalu Yawalapiti, coordenadora do departamento de mulheres da Associação Terra Indígena Xingu (Atix), reforça: Seja com a comercialização de sementes, artesanato, pimenta, sal de aguapé ou pequi, o objetivo é o fortalecimento das mulheres.

## O NOSSO ESFORÇO ESTÁ BROTANDO

Se tem uma história que Magaró Ikpeng gosta de contar é sobre sua participação na 3ª Expedição da Restauração Ecológica e da Rede de Sementes, realizada em outubro de 2018.

Indígenas, agricultores familiares, produtores rurais, pesquisadores, representantes do governo, de empre-

sas e de organizações do terceiro setor percorreram mais de mil quilômetros no noroeste do Mato Grosso e viram o caminho das sementes, desde a coleta até as áreas reflorestadas em propriedades rurais da região.

Magaró esteve lá. Foi a primeira Yarang a deixar sua aldeia no Território

Makawa Ikpeng  
celebra os 10 anos do  
movimento. No qua-  
dro, os dizeres: "As



Indígena do Xingu para ver com os próprios olhos os resultados do trabalho de suas companheiras de coleta. Antes, a ideia de “plantar floresta” causava estranhamento. Agora, não mais.

“Nosso esforço todo está brotando”, resume a liderança Yarang. “Eles reflorestam as nascentes dos rios. Fiquei emocionada ao ver o fruto do trabalho. Preciso andar mais para conhecer tudo. A gente está coletando e as pessoas estão plantando mesmo”, conta.

Existem mais de 22.500 nascentes nas cabeceiras do rio Xingu. Aproximadamente 150 mil hectares de matas de beira de rio estão degradados.

Você só vai valorizar a floresta se olhar para ela como algo bom. Se não fizer sentido, não vai dar valor. A floresta oferece o abrigo, a roça, a caça. Eu sonho em oferecer aos meus netos e netas o que eu tenho agora, e que no

futuro eles não percam essa riqueza”, continua Magaró.

A ideia de que “brancos destroem”, porém, continua firme. O trabalho do Movimento das Mulheres Yarang é um respiro em meio à devastação que corrói o que resta de floresta. Nos últimos 10 anos, [mais de 1 milhão de hectares foram desmatados](#) na bacia do rio Xingu.

Como contraponto, a Associação Rede de Sementes do Xingu promoveu em mais de 10 anos a recuperação de quase seis mil hectares de áreas degradadas na bacia do Xingu e Araguaia e outras regiões de Cerrado e Amazônia. Para isso, foram utilizadas mais de 220 toneladas de sementes de 220 espécies nativas.

As Yarang contribuem com esse trabalho desde o início. E querem fazer mais, com a ajuda dos homens e da juventude Ikpeng.





## AS FORMIGAS E OS MORCEGOS

Yarang, em Ikpeng, quer dizer formiga cortadeira. Rere quer dizer morcego. A escolha do nome do movimento de mulheres ficou entre estas duas opções até que Airé Ikpeng, liderança antiga da comunidade, decidiu por adotar Yarang como nome oficial. Assim nasceu o Movimento das Mulheres Yarang.

Os homens Ikpeng, porém, não quiseram ficar para trás e de pronto adotaram o morcego, ou Rere, para designar o próprio grupo, o grupo masculino.

Desde então, os posicionamentos de formigas e morcegos, mulheres e homens Ikpeng, parecem ser complementares na divisão do trabalho e nas decisões conjuntas sobre o uso do dinheiro proveniente da venda de sementes florestais.

Wakunapu Wauja, pajé da aldeia

Moygu e marido de Magaró Ikpeng, explica como as decisões são tomadas em sua família.

Quando vem o pagamento, minha esposa pergunta o que podemos fazer com o dinheiro. Eu digo que é ela quem deve decidir. Se deve comprar panelas, rede, ou outras coisas. Ela entrega o dinheiro para meus filhos, porque eles sabem usar o dinheiro para fazer as compras na cidade —afirma.

Como pajé, Wakunapu desempenha ainda outro papel na coleta de sementes: a de guardião espiritual do trabalho das Yarang.

“As árvores e as sementes têm espírito. Quando um grupo de coletoras vai trabalhar, eu vou como guardião para conversar com os espíritos para dizer que não queremos fazer mal a eles”, detalha o pajé. “Assim, os espíritos permitem que a gente trabalhe



com eles. Pedimos permissão. Por isso, as mulheres que trabalham na coleta não ficam doentes”, explica.

Da mesma forma, Arinka Ikpeng, marido de Yawala Ikpeng, outra coletora Yarang, diz que gosta de ajudar. Em suas saídas para caçar e pescar, ele, conhecedor da mata, ajuda a identificar novas áreas de coleta de sementes. “Tenho conhecimento da floresta, sei quando acontecem a floração e frutificação. E gosto de ajudar a coletar”, afirma.

Com a renda gerada com a venda de sementes, as Yarang já compraram um barco, uma bicicleta com carroça, um fogão, um tratamento dentário, exames médicos e objetos para o dia a dia nas aldeias.

Porém, quando os homens Ikpeng clamam alguma autoria na coleta de sementes, as Yarang imediatamente se posicionam. “Os homens começaram o trabalho [com as sementes], mas não têm habilidade para coletar e beneficiar as sementes. Os homens não davam conta”, relembra Magaró.

Segundo ela, todos os seus gastos

com a renda das sementes são planejados em família. E a maior parte vai para objetos de uso coletivo para aumentar a produtividade. “Eu não compro coisa pequena”, diz. “Comprei um barco, porque todo mundo pode aproveitar. A coleta é feita longe, e precisa ir de barco.”

“Quando tem floração das árvores, nós limpamos o entorno. Vou com o marido e já mapeio os pontos de coleta. Assim, já sabemos onde vai cair a fruta e vamos coletar”, relata.

O planejamento financeiro também está presente em outras famílias do Movimento das Mulheres Yarang. “É um gasto planejado. A cada ano vamos planejando uma meta. Se vai comprar tal coisa, quando chega o dinheiro a gente compra o que combinou”, explica Makawa Ikpeng.

Suas compras, por exemplo, foram desde um fogão até uma nova dentadura —com manutenção— passando por uma bicicleta com carreta para transportar produtos da roça até a aldeia.



^ Preparação para a festa: o grafismo tradicional das mulheres Ikpeng lembra uma #





^ Após a chuva, o arco-íris sobre uma das casas na aldeia Moygu, Território Indígena do Xingu.

> A entrada das mulheres Ikpeng na Casa dos Homens.







> Jovens Ikpeng prontos para a celebração.





O beneficiamento das sementes de murici-da-mata coletadas pelas Yarang.

## **CANTAR, BENEFICIAR, ARMAZENAR**

Vamos convidar as pessoas para ver  
nosso plantio  
Venham ver nosso plantio  
Sempre animadas, as mais adoradas  
Arayó  
Venham ver nosso plantio

Canto de trabalho do Movimento das Mu-  
lheres Yarang

Após uma hora de coleta, com seus cestos cheios de sementes de murici-da-mata, o destino final do grupo de coletoras lideradas por Koré Ikpeng é a Casa de Sementes do Movimento das Mulheres Yarang, no pólo Pavuru, entre as aldeias Arayó e Moygu.

Ali, elas usam uma peneira para terminar de beneficiar as sementes, que serão secas ao sol e armazenadas até

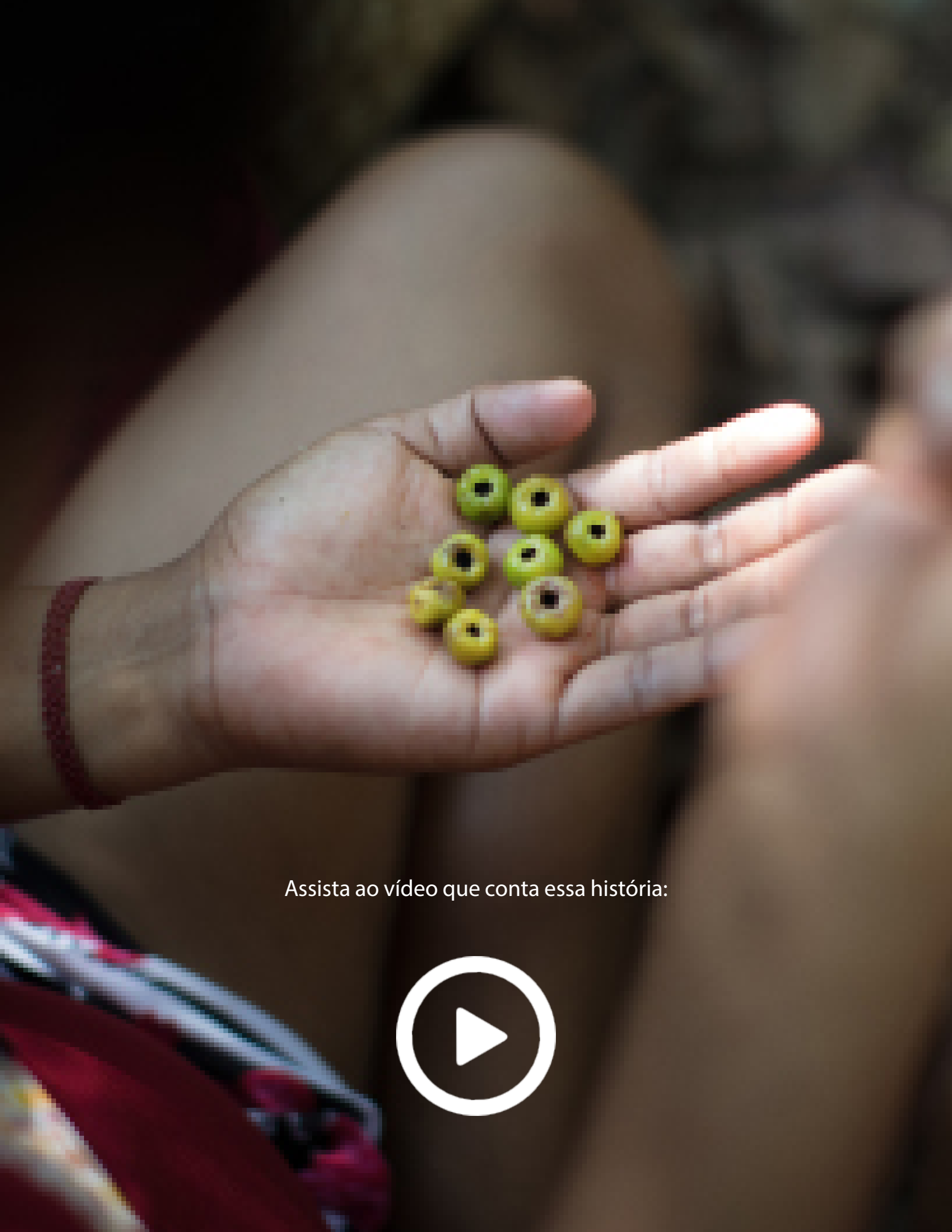
a chegada dos próximos pedidos de produtores rurais.

Quando chegam os pedidos, as sementes são enviadas para que o plantio seja realizado com uma “muvuca” ([saiba mais](#)), técnica que consiste em uma mistura de sementes nativas e de adubação verde para a formação da estrutura da floresta.

Para Koré Ikpeng, e para todos os outros 567 coletores que fazem parte da Rede de Sementes do Xingu, a atividade só faz sentido com a união das Yarang, dos povos indígenas, dos extrativistas, dos assentados e dos coletores urbanos.

“Você nunca vai encontrar Yarang sozinha. Estamos sempre juntas. Como vamos ser Yarang e andar sozinhas? O nome diz tudo: é um movimento de formigas. Como liderança acho muito importante essa união. Se eu for coletar sozinha, fico triste”, afirma.

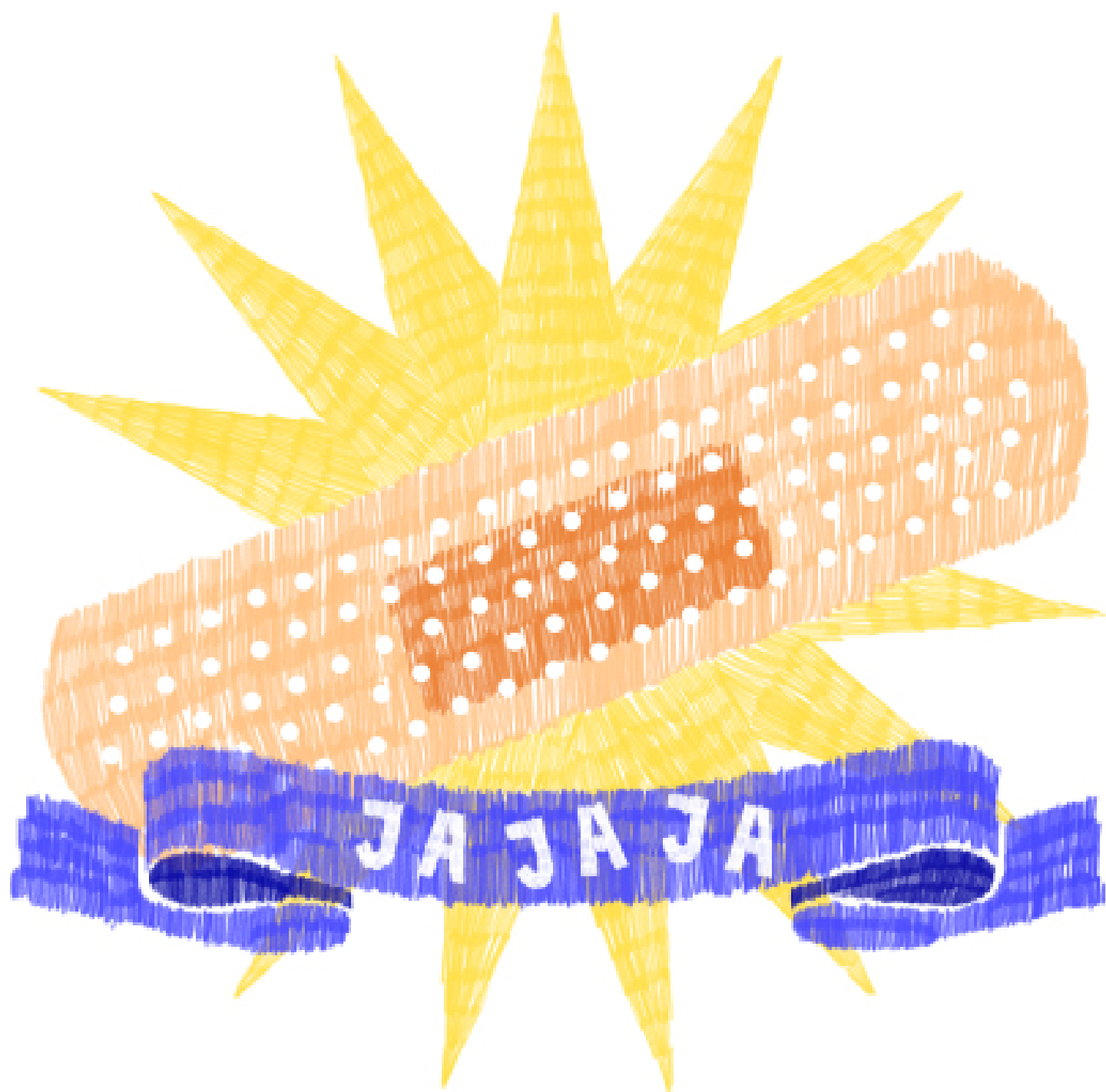
Depois da festa de 10 anos do Movimento das Mulheres Yarang, com tanta gente de fora abraçando esse trabalho, é difícil imaginar que algum dia as Yarang andem sozinhas. Quem entende o valor da união e das florestas não vai deixar.



Assista ao vídeo que conta essa história:







# O HUMOR E A CURA

Por Nadja Moraes

**Q**uando alguém vai ao médico com problemas do coração ou úlcera obviamente o estilo de vida do paciente será questionado. Porque a ciência sabe e qualquer cidadão comum também quanto uma vida cheia de medo e estresse podem afetar sua saúde.

Porque o oposto não é feito? Porque não são divulgadas com a mesma potência as pesquisas mostrando que uma atitude positiva diante da vida, assistir a comédias, evitar reclamar, contar piadas... Tudo isso, todas essas coisas simples que não custam nada, podem melhorar sua saúde física e emocional, de forma significativa.

Talvez esteja relacionado ao fato de

que para o sistema em que vivemos nos “manter doentes” é lucrativo, e nos manter cegos sobre o nosso próprio poder também.

Mas isso tem raízes antigas que se misturam a outras formas de manipulação: Na Grécia Antiga a Tragédia tinha mais valor que a Comédia, sempre considerada uma arte menor. A influência da Igreja trazendo o pudor, o medo, o sofrimento como virtudes.

Idolatraramos o drama e somente nos achamos merecedores de algo quando há esforço e sacrifício.

O que seria de nós se descobríssemos que a vida pode ser mais leve? Ainda que com desafios? O que seria de nós se aceitássemos que ser sério e

# A FIGURA DO PALHAÇO NOS MOSTRA JUSTAMENTE O CONTRÁRIO: A ALEGRIA HABITA EM MIM, APESAR DE TUDO.

tenso não significa ser mais importante ou responsável?

“Precisa de muita força para ser leve”, ouvi uma vez.

Mas ainda assim, o riso, a leveza, o humor, são subestimados. E vivemos assim, de desafio em desafio, de despedida em despedida nos tornando doentes do corpo e da alma. Comprando promessas de cura sob a forma de produtos, passeios ou remédios. Nos iludindo e nos permitindo ser iludidos de que a vida é dura, difícil e de que nunca serei bom o suficiente.

Mas adivinha uma coisa, a figura do palhaço nos mostra justamente o contrário: A alegria habita em mim, apesar de tudo.

Todos erramos. Todos temos imperfeições e isso, deve ser celebrado. Pois somos únicos. Só eu posso ser como eu sou. Só você pode ser assim.

E o melhor que temos a oferecer ao mundo é ser exatamente quem somos.

A vida, deve ser encantamento e não medo.

O palhaço cai fazendo os outros rirem, ele ri junto e continua.

Estamos todos no mesmo barco. E temos ferramentas que não usamos para sobreviver ao desconhecido, ao grande abismo que é viver.

Se viver é mergulhar num abismo, aprecie a vista, você não está sozinho.

Ria pelo caminho.

Qual é a sua ferida? O medo do pró-



ximomomento?Omedodooutro?  
Do passado ou de si mesmo?

Ria.

Pois rir pelo caminho vai tornar a viagem mais fácil, mais leve. Pode ser que você perceba, lá no fundo, o quanto é bom viver e ser exatamente quem você é.

Se o mundo diz o contrário é porque nos esquecemos do nosso próprio poder, de uma das ferramentas mais fortes que carregamos conosco desde que nascemos:

A capacidade de brincar e sorrir. O palhaço que habita em nós.

Tão importante quanto fugir ou lutar, para que possamos sobreviver: Rimos.

O que sempre me ajuda a me conectar com o outro e criar laços? Compartilhar o riso.

O que me ajuda a desfazer maus entendidos e aliviar a tensão? O riso.

Ria do seu medo.

Ria de si mesmo.

Entenda que você é um palhaço no circo da própria vida.

Ria, porque o show tem que continuar...



FOTO REPORTAGEM

# O OUTRO LADO DE ILHABELA

Por Javiera Silva Abalos

**E**m 2014 vim para Ilhabela para fazer uma fotorreportagem para uma revista do Chile. Cheguei com olhos de turista, porém fiquei tão encantada pela sua cultura e sua gente que foi então que decidi me tornar uma residente daqui. Visitei as duas comunidades caiçaras maiores da Ilhabela, Castelhanos e Bonete, e tentei retratar a vida dali sem nenhuma pretensão, só compartilhar esse momento, essa conversa com os vizinhos; com Seu Benedito, um dos mais velhos do Bonete nessa data, com quem conheci sobre os pasquins, rimas que são acompanhadas da viola caipira, um violão de dez cordas, e contam histórias passadas. Lá também falei com Seu Ademar, quem

com seu neto Cleyton faziam a farinha de mandioca. Em Castelhanos, falei com Seu Otamir, um pescador das antigas, que com muita paciência tecia a rede.

Também conversei com lideranças dos movimentos que nas comunidades surgiram, em função de preservar o meio ambiente e também dar a conhecer sua forma de viver. O turismo nos últimos dez anos tem sido muito importante para o desenvolvimento das comunidades, mas também é uma preocupação, um assunto que deve ser levado a discussão para respeitar os valores e costumes do povo caiçara que ali reside.



Otamir tece a rede. A pesca é a atividade principal na comunidade da Praia de Castelhanos, que aporta ao sustento de mais de 40 famílias.







- Λ Canoa caiçara. Barco tradicional feito com a madeira de uma árvore só.
- ✓ Casa de Pau a Pique em Castelhanos, técnica de construção tradicional que usa bambu e barro.







Natureza exuberante em Castelhanos. O Parque Estadual de Ilhabela protege uma área aproximada de 85% da área total de Ilhabela.



Na comunidade do Bonete, a maior comunidade caiçara da Ilhabela, com mais de 100 famílias, Seu Ademir e seu neto Cleyton fazem farinha de mandioca em casa, usando esse instrumento para prensar chamado Tipi Ti. Na foto de baixo aparece também sua neta Edelaine.





Seu Benedito é uma das figuras mais antigas da Comunidade do Bonete, ele tinha 88 anos na época. E sua esposa Nivia. Seu Benedito recitou várias rimas, os pasquins, que contam histórias que aconteceram num passado remoto.







Assim como Castelhanos, Bonete também faz parte de uma área de Mata Atlântica preservada pelas leis do Parque Estadual. E seus vizinhos também estão organizados para discutir sobre o turismo, que eles preferem que seja um turismo ecológico e sustentável.









Algumas anotações para uma pesquisa sobre a

# RELAÇÃO ENTRE BONECOS E PODER

EM TEMPOS DE POUCA DELICADEZA

Por Luiz André Cherubini

**D**urante muito tempo estive procurando, sem êxito, registros históricos de um conto que circula entre bonequeiros brasileiros e que me parece li em algum lugar, alguma vez: no Brasil do século XVIII, duzentos anos depois do “descobrimento” pelos portugueses, no tempo dos vireis, muitos bonequeiros ocupavam as ruas de Rio de Janeiro-fato comprovado por documentos colegiados em Lisboa pelo Professor Luiz Edmundo. Naquele tempo se chamava “Teatro de Bonifrates”<sup>4</sup>, aquele Teatro Popular que veio suprir entre nós o déficit de cenários e casas de espetáculos, e que era um divertimento ingênuo do povo. Ficou tão popular, que fez que o povo<sup>5</sup> dera

o nome de “Ópera dos Vivos” a Casa da Ópera do Padre Ventura - inaugurada em 1767, em Rio de Janeiro. Dentre tantos bonecos que ali tinha, um só boneco podia zoar do bispo. Bravo, reclamando do governo, fizeram com que as autoridades policiais prendessem o bonequeiro em defesa do religioso. Pouco tempo depois o boneco voltou às ruas para criticar o bispo, fazendo rir ao povo, em mãos

4. Termo do português, origina se no latim *bonus frater* (possivelmente “bom irmão”).

5. Edmundo, Luiz. “O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis”, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1932.

de um outro bonequeiro, que, assim como o primeiro, também foi preso. Depois de um tempo, o boneco reapareceu, com outro bonequeiro, para falar as mesmas coisas... e para não ser derrotado, o governo criou, então, um decreto proibindo espetáculos de bonecos nas ruas do Rio. É dizer, o boneco tinha que ser preso, não o bonequeiro.

Essa história —que ficou como um mito, alegoria ou lenda, enquanto não se encontrem fatos históricos idôneos— não é um exemplo extraordinário, senão bastante comum, sobre a liberdade dos bonecos e seu compromisso com as lutas contra a autoridade e diferentes formas de opressão. Um outro exemplo similar aconteceu na cidade de Recife, em 1801, com o bispo Azeredo Coutinho, quem abriu uma reclamação formal junto ao governo, devido às liberdades do ato popular de origem religioso chamado “As Pastorinhas”, obtendo das autoridades o compromisso de usar os meios necessários para extinguir esse tipo de abuso contra a nossa santa religión.<sup>6</sup> Profano e religioso, esse ato ainda segue vivo e popular até os dias de hoje—passados já mais de 200 anos—, naquela mes-



ma cidade do Nordeste brasileiro.

Recentemente, em fevereiro de 2016, o juiz espanhol Ismael Moreno Chamarro condenou à cadeia, sem direito de fiança, a dois bonequeiros —Raúl García Pérez y Alfonso Lázaro de la Torre, de la Cía. Títeres desde Abajo— por crimen de enaltecimiento do terrorismo e incitação ao ódio. No espetáculo “A Bruxa e Dom Cristóvão”, os bonequeiros relatam como, com a intenção de incriminar uma

6. Borba Filho, Hermilo. *Fisionomia e Espírito do Mamulengo*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1966.



◀ Diego Rivera (1953) Teatro Insurgentes, Ciudad de México

bruxa, um policial forja as provas; depois de pegá-la —enquanto ela está desacordada— apoia o corpo dela no cartaz que diz “Gora Alka-Eta” (Viva —en vasco— Alka-Eta, que seria uma mistura de Al Qaeda e ETA), tira uma foto e prende-a.

Quando estavam se apresentando, uma tarde, numa praça de Madrid, como parte da programação de Carnaval, os dois bonequeiros foram interrompidos e presos—supostamente depois de uma denúncia de uns pais indignados— por policiais da Unidade Distrital, do Corpo Nacional da Polícia e das Brigadas Policiais da

Segurança Cidadã e da Informação (que se dedicam à luta antiterrorista e contra os grupos anti sistema). Na sentença, o juiz deixa em claro que as liberdades de expressão e pensamento não se sobrepõem ao fato de apresentar um espetáculo que faz apologia ao terrorismo e incita ao ódio, ignorando o contexto no qual aconteceu. Foram levados para prisão e liberados após cinco dias, aparentemente não havia risco de fuga (os bonequeiros tinham arraigo familiar, moradia conhecida, formação acadêmica e baixa renda). Embora, a liberação deles também se dera por escassas possibilidades de reiteração delitiva, pois todo o material por eles utilizado na apresentação foi apreendido judicialmente, e as suas atuações foram rescindidas (sic)<sup>7</sup>. Assim, mais uma vez, para garantir o ordem, os bonequeiros são soltos, mas os bonecos são presos. Mantida a acusação, o processo só finaliza em janeiro de 2017, quando é fechada a

7. In: El juez ordena la puesta en libertad de los titiriteros. El Mundo, Madrid, 10/02/2016 [www.elmundo.es](http://www.elmundo.es)





^ Josep Skupa e Spebl y Hurvinek



^ Spejbl y Hurvinek en el campo de concentración

causa<sup>8</sup> definitivamente. Passado o alvoroço, um jornalista, Ignacio Escolar, declara:

se o que os bonequeiros queriam era denunciar com sua obra, que o poder usa o espantinho do terrorismo como pretexto para submeter a qualquer dissidência, então sem dúvida, eles o conseguiram.<sup>9</sup>

Na mesma Espanha, lá pelos anos 30 —como lembra o mesmo Escolar—, outros bonequeiros rebeldes, enforcavam, matam a pancadas, esturpavam, assassinavam a cinco bebês recém nascidos, no Oretábulo de Dom Cristóvão, de Federico Garcia Lorca. E

as pessoas riam. Assim como hoje. Pois essas pessoas, normalmente, sabem distinguir entre realidade e ficção. Algumas autoridades não: por isso, perseguido pelo Regime Espanhol, o poeta, dramaturgo, bonequeiro, foi censurado pela ditadura de Primo de Rivera. Foi uma figura que incomodava à direita. Acabou sendo fuzilado

8. In: Cuatro ediles de Ahora Madrid exigen al Ayuntamiento disculparse con los titiriteros. El País, Madrid, 05/02/2017 [www.elpais.com](http://www.elpais.com)

9. In: Cinco días en prisión demuestran que los titiriteros tenían razón. El Diario.es, 10/02/2016. [www.eldiario.es](http://www.eldiario.es)



por falangistas, o dia 19 de agosto de 1936, por seu pensamento e atitudes políticas, por questões pessoais e por sua homossexualidade. Criminalizar à ficção é próprio das piores ditaduras. Uma ficção, sea teatral ou da literatura, ou da cinematografia, só pode ser julgada desde um ponto de vista estético, cultural, moral, ideológico ou incluso político, mas nunca penal. Só as ditaduras determinam quais peças teatrais podem se apresentar, quais livros podem se escrever ou quais filmes podem se realizar. E só nas piores ditaduras pessoas são presas por apresentar uma peça de teatro, fazer um determinado filme ou escrever algum livro. A ficção é um território de reflexão suposto e sublimado no qual o que acontece não é a realidade, senão uma representação imaginada da mesma,

## < Punch na prisão

embora a peça possa ser muito realista, escreve Juan Diego Botto no seu artigo Crime de Ficção.<sup>10</sup>

Vestido como Hitler e fazendo uma saudação, no filme *O grande Ditador*, Charles Chaplin criticou o nazismo sem espalhar ódio. Também os bonecos colocaram se contra as ditaduras com suas simples mas eficazes ferramentas: o diálogo, a fala, o gesto, a zoeira, a poesia, a emoção, o riso, a espontaneidade, ingenuidade, fragilidade e o sagrado mistério.

O bonequeiro, Josep Skupa, deu vida a duas personagens muito populares, que o ajudaram a construir um teatro com 500 poltronas em Praga, cumprindo com seu papel na vida teatral daquela cidade, apesar da guerra, a revolução e a ocupação, assim conta o pesquisador Bill Baird.<sup>11</sup> Segundo ele, na ocupação da Tchecoslováquia pelos nazistas, os marionetistas tchecos fizeram apresentações satíricas e clandestinas em sótãos, apresentações

10. Botto, Juan Diego. 08/02/2016. [www.eldiario.es](http://www.eldiario.es)

11. Baird, Bil. *The Art of the Puppets*. The Ridge Press, New York, 1965



que, segundo Baird, eram uma fonte de informação e inspiração para os tchecos. Ele fala que Jan Malik, quem foi diretor do Teatro Nacional de Marionetes Tcheco e quem fez a biografia de Skupa, escreveu que o Teatro de Marionetes do professor Skupa foi célebre por suas turnês em tempos de guerra, com programação para adultos, com cenas alegóricas, que fugiram da censura e que eram compreendidos pelo público, que segurava o fôlego e disfarçava sua emoção. Baird narra que também nos campos de concentração de Ravensbruck, no Sul da Alemanha, os presos tchecos conseguiram fazer um teatro de marionetes com retalhos de panos, para assegurar a moral. Logo, todos os espetáculos de teatro de bonecos foram suprimidos da Tchecoslováquia e mais de uma centena de bonequeiros e escritores morreram sob tortura ou em campos de concentração. Em 1944, Skupa foi levado para uma prisão em Dresden, de onde ele fugiu, durante um incêndio. Somente no fim da guerra, o Teatro de Marionetes Tcheco “ressuscita”

12. Bonequeiro que se dedica ao “Punch and Judy”, tradicionais fantoches britânicos, de humor cáustico e cassetetes.



sob a inspiração, dedicação e devoção de Malik e Skupa.

Neste momento do politicamente correto, determinismos e pouca tolerância, às tradições antigas estão sendo ameaçadas. Os diretores e professores ingleses, segundo o que me contou o Punchman<sup>12</sup> inglês Rod Burnett (1954-2017), não queriam receber mais marionetes nas suas escolas infantis. Uma suposta violência e comportamento pouco adequados dos personagens desta forma teatral, que remete ao século XVII — assim como todos os tipos de fantoches — fazem com que sejam figuras não gratas em espaços conservadores, onde é apreciada a adequação e existe o medo das críticas e punições. As atitudes ingênuas, sem vergonha, e



## < Les Guignols de L'Info

a liberdade escandalosa das personagens, são entendidas como maldosas, e um pré-julgamento as confunde com ódio, brutalidade, maus exemplos, ou até incitação ao crime e ao pecado. Ao contrário destes educadores — e de muitos pais — as crianças sabem distinguir perfeitamente que, quando Punch bate na Judy com o cassete, o que estão vendo não é uma agressão de um homem a uma mulher. As crianças sabem que é Teatro de Bonecos e entendem a estilização própria daquelas marionetes, que estabelecem uma linguagem teatral. Para provar isto, é suficiente ver as gargalhadas dos pequenos frente a essa cena, o que, definitivamente não aconteceria se um ator de 1,80 mt batesse numa atriz de

1,70 mt com um pau. É por isso que Punch pode bater na polícia, enforcar um juiz, matar a própria morte e ao diabo e colocar seu bebê num moedor de carne. O que deveria poder fazer livre e com impunidade. Porque o que ele está fazendo é punir os vícios da sociedade e a opressão, que as estruturas podem estabelecer. Santo, santo, o Punch de Rod Burnett não é. Burnett contou me que uns dos ritos de passagem dos adolescentes ingleses é roubar um botão do traje de um policial, coisa que ele fez. Su Punch ostentava aquele botão, com um orgulho discreto, como símbolo da sua irreverência.

Na televisão, programas como *Splitting Images*<sup>13</sup> criticavam figuras importantes da política inglesa. Seus bonecos eram desenhos animados feitos de látex, só mostravam o peito, e eram manipulados de baixo, normalmente, por duas pessoas. Era para adultos, satirizaram comportamentos, atitudes, fatos, e, por seu grande êxito, o modelo foi exportado para diferentes países.

13. Programa de televisión inglés creado por Peter Fluck, Roger Law and Martin Lambie-Nairn, de gran éxito, llevado al aire entre los años de 1984 y 1996.

Na França, o programa *Les Guignols de L'Info*, inspirado no programa inglês, ficou no ar durante 20 anos e só deixou de passar em 2018 pela televisão. O bonequeiro Horacio Peralta, quem acompanhou o programa de perto, comentou que, naquele país, alguns políticos — como o presidente Giscard d'Estaing — olhavam com simpatia os seus desenhos. Outros, como Lionel Jospin, não. Apoiadores dele, no dia seguinte às eleições, declaram: “não assistiremos mais *Les Guignols*, eles fizeram com que Chirac fora escolhido”. Porém, embora as acusações de que as marionetes teriam criado uma imagem jovem e simpática do presidente Jacques Chirac, este teria pedido para o presidente do Canal+ (que transmitia o programa), num lugar privado, que deram fim às críticas.<sup>14</sup> Em Brasil, trabalhando num programa similar — *O Cabaré do Barata* —, cheguei a ver bonecos de alguns políticos sendo abandonados a petição da direção da emissora. E apareciam re-

comendações (aparentemente sugeridas pelos próprios sujeitos retratados, segundo se comentava) de mudanças de imagem, supressão de slogans que, associados a algumas figuras públicas, começavam a popularizar se. A pressão econômica que a empresa de televisão tinha naquela época e sua dependência a verbas públicas de publicidade parecia fazer com que ela se submete se imediata e gentilmente a qualquer recomendação ou pedido, provenientes do âmbito governamental. Censura e autocensura — por motivos econômicos, judiciais ou políticos — são um risco para os artistas e para a democracia, ao qual estamos sujeitos.

As marionetes souberam se aproveitar dos poucos favores que lhes tem sido oferecidos. Vivendo no mundo real, os bonequeiros tem se adaptado às diferentes situações, e tem lutado para mudar-las. Menestrel e bufão serviam a reis, porém criticando-os — como parte do ofício. Em Brasil, o célebre bonequeiro Baptista, em um parque de Rio de Janeiro, no fim do século XIX, apresentava o “João Minhoca”, uma marionete muito popular, que representava a um negro malandro

14. VIVANT, Arnaud. *Les Guignols: «Pas de polémique!»*. *La Libération*, 19/06/1995 [www.liberation.fr](http://www.liberation.fr)

e muito esperto. O escritor João de Rio publica na revista Kosmos (Rio de Janeiro, 1905) a crônica *O fim de um símbolo*, que narra o seu diálogo com Baptista.<sup>15</sup> Nele, o bonequeiro conta o encontro com o Imperador Pedro II, depois que deixou o Parque da Guar- da Velha, no Rio de Janeiro, para se apresentar no Hotel Bragança na cidade imperial de Petrópolis, perto de Rio de Janeiro:

Um dia (...) me apareceu o altíssimo Paiva:

—Por que não convidas Sua Majestade?

—Deus me livre!

—Vai. É o costume! Sua Majestade tem o desejo de assistir o espetáculo. O que fazer? Senti um nó no coração, não sei se de satisfação ou de medo, mas no dia seguinte fui ao palácio e cheguei pelos fundos, onde achei uma senhora de olhar bondoso.

—Onde que posso falar com Sua Majestade?

—Siga por lá, filho.

No meio do caminho encontrei um majordomo.

—Sua Majestade?

—Siga por lá, filho, falou.

—Mas a velha que estava nos fun-

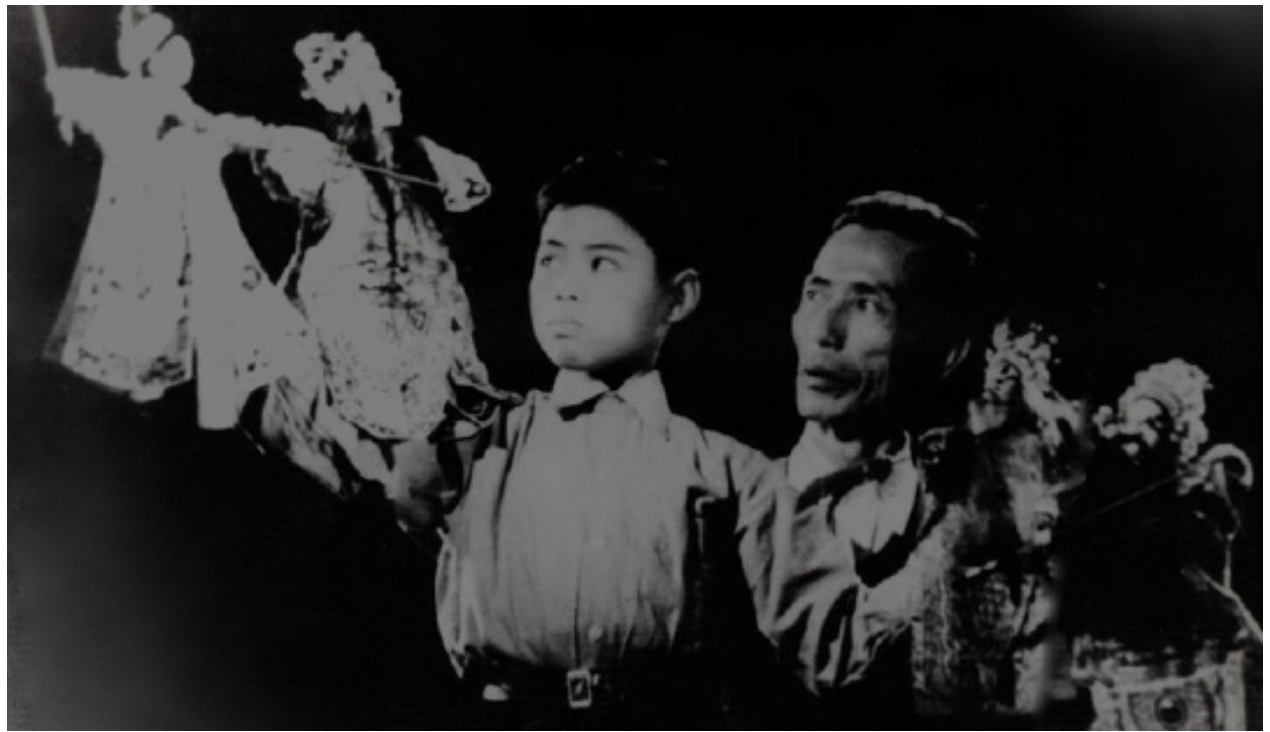
dos falou que era por aqui.

O majordomo largou uma gargalhada: a velha é Sua Majestade, a Imperatriz.

A presença e o riso do imperador e da imperatriz no seu espetáculo não são certos, embora a simpatia dos aristocratas das cidades vizinhas sim seja. Em Vassouras acharam a personagem abolicionista e os barões de Cananéia, Amparo e Massambará, julgaram que o “pretinho” pregava falta de respeito ao branco e obrigaram aos escravos impedir o espetáculo.

O bonequeiro chinês Yang Feng (? - 2003) contou-me que com a Revolução Cultural China —que rejeitava as artes tradicionais, promovendo um novo modelo de sociedade proletária, que puniu duramente artistas e intelectuais, sob o regime de Mao Tse Tung— o seu pai, Yang Sheng (? - 1970), teve que largar o ofício de bonequeiro —era a quarta geração— e queimar seus bonecos. Nessa época viveu de forma miserável, faminto, chegando fumar

15. In: FREIRE, Susanita Freire. *O Fim de um Símbolo: João Minhoca*, Companhia Authomatica. Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 2000.





bitucas de cigarro que achava na rua. Animado com o convite para uma festa nas montanhas, Yang Sheng, prepara os bonecos, mas no fim é levado para prisão, igual que muitos outros artistas. Quando visitava China, o bonequeiro Sergei Obrastzov (1901-1922) —que a Encyclopaedia Britannica reconhece como quem estabeleceu o Teatro de Bonecos como uma forma de arte na União Soviética—, deu uma palestra como fundador do Teatro de Bonecos Central Estatal (com a qual viajou por mais de 350 cidades da União Soviética e a mais de 90 cidades no estrangeiro), então mencionou o trabalho exemplar de um bonequeiro da província de Fujian, um tal Yang Sheng, de quem ele fala extensamente e com entusiasmo no seu livro *The Chinese Puppet Theatre*.<sup>16</sup> Imediatamente as autoridades chinesas trataram de procurar aquele artista e o encontraram numa prisão na cidade de Zhangzhu, na província de Fujian. Tiram ele da cadeia, dão-lhe um traje, uma caneta e um relógio (símbolo de status nesse tempo) e o enviaram de volta para casa com honores. Yang Feng, seu filho, falou que, por um bom tempo, ele não aceitou que esse era

seu pai, a quem não reconhecia com a nova aparência. Apesar das críticas que depois recebeu Obrastzov, pelo seu vínculo com o Partido Comunista Soviético, Yang Feng me falou que lhe devia a volta e até a vida do seu pai. Muitos dizem que o Teatro de Bonecos chinês lhe deve a mesma coisa.

Hoje, vemos o avanço do moralismo e da brutalidade, junto ao avanço da extrema direita no mundo. Embora, ainda vemos aos bonecos tomando a dianteira contra a opressão, a intolerância, a mediocridade, contra o politicamente correto, a jerarquia o mecanicismo, a dureza, a tristeza, a pobreza de espírito, a tirania, o totalitarismo, a covardia, a violência, o pragmatismo, o utilitarismo, o economicismo, o egoísmo. E, embora existam muitas podas, muitas folhas caídas, muitos galhos quebrados, dificilmente irão conseguir tirar essa planta do chão, as raízes do Teatro de Bonecos, que estão muito fundas e se alastram e se multiplicam por todas partes. A sua

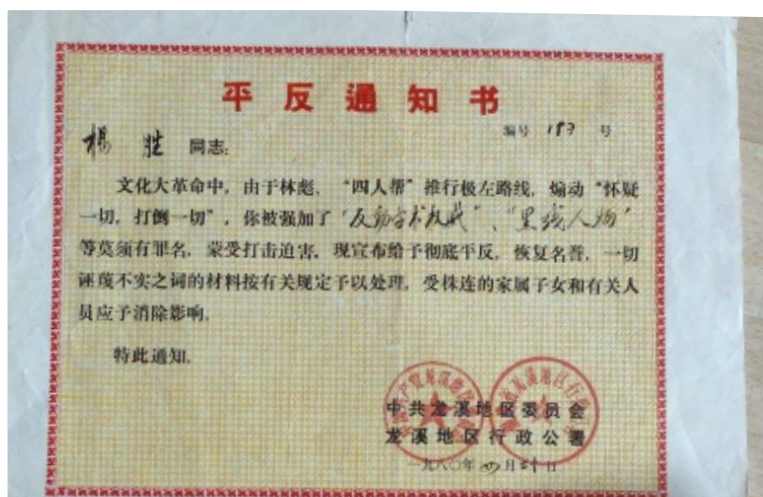
16. Obrastzov, Sergei. *The Chinese Puppet Theatre*. Faber & Faber Limited, UK, 1961.





^  
Yang Sheng com Sergei  
obraztsov na China

>  
Documento  
de reabilitação



semente a levamos dentro de nós, em algum misterioso canto entre o coração, o fígado e a vesícula. E esta semente a regamos com encontros com outras pessoas, com a comunhão, com a convivência e o companheirismo. Em festas, rituais, comemorações. Em teatros, palácios, casas, parques, ruas. E floresce, sempre, com a delicadeza e com a ternura, com a alegria e com a poesia.

Em Santiago do Chile, a começo do ano 2000, a bonequeira, Eli Guzman, narrou um curioso fato que presenciou. Um decreto do prefeito do município da época, Joaquín Lavín —conhecido político da direita chilena—, proíbe pisar na grama do Parque Forestal, cenário de encontros nos domingos entre famílias e fantoches. Para conter a desobediência e a desinformação, o prefeito pediu para polícia que se assegure que se cumpram suas ordens. Com uma tradição conhecida

de pouca delicadeza e doçura, policiais avançaram a cavalo contra crianças e pais, que, pacificamente, se encontravam sentados na grama. Destróem o cenário dos bonecos e todo mundo foi embora, fugindo, em pânico. Embaixo das patas dos cavalos tentavam preservar a grama. Duas horas depois, um bonequeiro que desconhecia esse fato, inocentemente, armou seu retábulo. Novos espectadores, igualmente desinformados, sentaram-se com seus filhos frente ao cenário dos bonecos, e, novamente o Teatro de Fantoches aconteceu. Como sempre irá acontecer. Naquele domingo da infância, mesmo daqueles que nunca vieram um Teatro de Bonecos no parque quando crianças. E que, como todos nós, guardam com amor a lembrança, daquela ocasião que talvez nunca aconteceu.



# A VEZ DELAS

## A OUSADIA NA FORMAÇÃO HUMANA

João Paulo Francisco de Souza - joaopaulofrancisco@prof.educacao.sp.gov.br

Quelselise Rodrigues Xavier - quelselise@prof.educacao.sp.gov.br

Raquel dos Santos Candido da Silva - raquelcandido@prof.educacao.sp.gov.br

**AS** mudanças no mundo contemporâneo repercutem no ensino e nas escolas, que não podem ser dissociadas de um contexto mais amplo, que remete a questões políticas, econômicas e culturais. Tais mudanças se valem de muita desinformação e determinam a subordinação dos indivíduos, que devem se adequar às leis do mercado. Nesse contexto, a escola ocupa o lugar necessário para a formação de cidadãos e cidadãs, o que significa, nessa sociedade, produzir mais e melhor. Por esse motivo, mais do que educar ao longo da vida, a Educação de Jovens e Adultos vol-

ta-se hoje, necessariamente, ao Mundo do Trabalho. Tendo em vista essas questões e a possibilidade de “remar” contra elas, compreendemos enquanto professores, que o ato de ensinar nos possibilita adentrarmos nessas questões e refletir sobre elas, a fim de promover mudanças impulsionadas desde o interior do universo da sala de aula, que é um espaço único, singular e irrepetível.

É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência (FREIRE, p. 8)

O Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Marília SP (CEEJA) constitui uma importante instituição pública e gratuita de ensino de jovens, adultos e idosos, que atende um grande contingente de pessoas que sofreram processo de exclusão no ensino. O projeto A Vez Delas, desenvolvido por professoras e pelo professor coordenador da escola, tem como objetivo transcender o currículo instrumentalista e pragmático direcionado a EJA. Nesse texto, visamos apresentar algumas dimensões desse projeto junto às suas ousadias, tendo em vista que

É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-la, com vantagens materiais (FREIRE, 1997).

O projeto, desenvolvido junto aos alunos da EJA, carrega em suas raízes a ousadia de se comprometer com a formação humana dos seus alunos, que se caracterizam, majoritariamente, por mulheres trabalhadoras. Para desenvolver o projeto, contamos com a coragem, extremamente necessária quando almejamos dar novos rumos à escolarização, para isso, tratamos a questão de gênero, raça e classe como eixos fundamentais. O projeto foi pensado pelos próprios estudantes, que trazem para a escola e seus diversos ambientes, a ousadia de insistir em aprender, do sentimento de “nadar contra a maré”, que os move em direção à Educação. O mesmo sentimento alimenta a coragem de aprender a refletir sobre diferentes contextos e assim, ousar transformá-los. No intuito de promover uma educação significativa, traçamos novas rotas e adotamos a promoção de práticas pedagógicas diversificadas, que nos permitem alavancar nossas perspectivas de ensino-aprendizagem e promover uma aprendizagem verdadeiramente significativa àqueles que mais precisam.

## A VEZ DELAS

São muitos os perfis que encontramos nos estudantes da educação de jovens e adultos, no entanto, as mulheres têm se mostrado o nosso público fundamental; elas, majoritariamente, são trabalhadoras que resistem por meio de formas distintas de enfrentamento para permanecerem na referida modalidade educativa. Essas mulheres, contam com dificuldades históricas para permanecerem na escola, e por um longo período, estiveram isoladas da convivência social, limitadas ao âmbito privado, na dedicação às tarefas domésticas, ao filho, ao marido, ao trabalho pouco remunerado. No entanto, o que diferencia essas mulheres, é o fato de que estas buscam diariamente maneiras de driblar as condições que insistem em as distanciar da escola. Estas, formulam modos e estratégias, que se desenvolvem no espaço doméstico e na comunidade, para garantir a escolarização e melhores condições de vida, para si e para aqueles que estão ao seu entorno.

O projeto A Vez Delas foi pen-

sado fundamentalmente tendo em vista a experiência e a atuação dessas mulheres. Fruto da parceria interdisciplinar promovida em 2019 no CE-EJA de Marília com a interlocução do professor-coordenador, entre as professoras de História e Química, que são mulheres, negras, trabalhadoras, que partem da categoria Gênero, enquanto categoria histórica e relacional, para dialogar com as categorias Trabalho e Educação. O instrumento de intervenção baseia-se no eixo temático do “Ubuntu” e do “Bem-Viver”, traçado pela própria unidade escolar, composto por rodas de conversas e atividades formativas, que acontecem todas às terças-feiras, onde se propõe a reflexão, a discussão, a troca de saberes e interação entre alunos e alunas da EJA, a fim de que haja transformações e mudanças de atitudes.

As questões abordadas perpassam o universo cotidiano das nossas alunas mulheres, que são trabalhadoras, mães, filhas, avós, desempenham inúmeros papéis sociais, cuja importância





e validade deve ser ressaltada no ambiente escolar, quando “o tempo na escola” foi renegado principalmente a elas, devido a inúmeras tarefas que a elas foram socialmente destinadas. Muitas encontram somente na escola o tempo e lugar necessários para a formação humana, tendo em vista que a experiência da escola é, em primeiro lugar, uma experiência de “ser capaz de”, pois a educação escolar é primordialmente responsável por contribuir para a superação de relações historicamente assimétricas e por promover a diversidade, a equidade e os direitos humanos, ideia que deve estar presente de forma transversal em todas as

áreas do conhecimento, pois são atravessadas por uma noção de múltiplo, diverso, de respeito, de alteridade, cujas questões estão presentes em todas as disciplinas, embora nem sempre de maneira ostensiva. Convidamos à participação profissionais de diversas áreas de estudos, como psicologia, medicina, sociologia, etc, para contribuir com as discussões e ampliar nossos horizontes de reflexão.

Neste impulso rumo a socialização de ideias e conceitos numa troca de saberes e experiências, promove-se uma construção coletiva de valores, em que o gênero não aparece apenas como um direito humano fundamental, mas

como a base necessária para a construção de uma sociedade que rompa com os atuais cenários de exclusão, violência e desigualdades. Ao dialogar com diferentes esferas do saber, os temas viajam pelos contextos históricos e sociais dos alunos da EJA, embasados por dados estatísticos, contribuições científicas, filosóficas, das ciências sociais, entre outros conhecimentos, que justifiquem uma interação entre o que é abordado e o cotidiano das(os) alunas(os) do CEEJA.

Nestas rodas de conversa, incentivamos a participação de alunos e alunas, com identidades e trajetórias distintas, cursando séries e disciplinas múltiplas, do Ensino Fundamental e Ensino Médio, o que permite que diferentes alunos se encontrem, dividam o mesmo espaço e possam interagir através da troca de saberes e experiências. Esse caráter de socialização e interação de conhecimentos e experiências nos permitem trabalhar junto a uma diversidade de alunos o:

espírito crítico em relação à historicidade da condição feminina; estabelecer relações entre a luta feminina e a ampliação dos direitos civis e se estabelecer uma refre-

xão sobre o significado e a importância do movimento feminista na luta pelos direitos das mulheres (Fini & Miceli, 2012, p. 148)

que ressalte como as reflexões de gênero tem papel fundamental no combate às discriminações, a violência e na superação das desigualdades.

Estes objetivos podem ser alcançados através do conhecimento e do desenvolvimento da consciência de que a convivência social deve ser alicerçada na percepção e no respeito aos elementos identitários que caracterizam e diferenciam os indivíduos e os grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, as rodas de conversa dialogam com questões e problemáticas que estão presentes na contemporaneidade: como o preconceito, a xenofobia, o racismo, a sexismo, o capitalismo, a agroecologia, e outros diversos fenômenos que perpassam o cotidiano escolar; nos permitem compreender que não é possível desconsiderar as articulações entre as dimensões de gênero, cor/raça, classe social e identidade de gênero que constituem o perfil dos/as alunos/as brasileiros/as.

Assim, tendo como partida a EJA enquanto viés fundamental de resis-

tência histórica no processo de ruptura e reversão do cenário de exclusão vivido principalmente pela mulher, utilizamos o projeto como elemento educativo intermediário para essa busca. O projeto desenvolvido na escola tem se mostrado essencial no processo de conquista ao direito à educação para todos os seres humanos, em especial, e nessa escrita abordamos, para as mulheres. Nas rodas desenvolvidas entre 2019-2020 optamos ao início por uma breve introdução ao tema através da contextualização, seja na forma de leitura de textos, poemas, trechos de músicas e/ou exibição de vídeos, etc; e contamos com um convidado/convidada parceiro(a) da Comunidade Escolar com conhecimentos e atuação no tema, para nos auxiliar na mediação dos assuntos e questões levantadas. Parte-se da realidade dos

alunos, através de questionamentos e incentivo à fala, para então almejar-se uma discussão mais rebuscada. Com isso, procura-se respeitar os processos de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA e fazer com que estes sejam capazes de ressignificar as suas experiências, vivenciadas no trabalho, na família, na comunidade. Nesse contexto, fez-se necessário desenvolver nos alunos a capacidade de usar criticamente fontes de informação variadas, o que possibilita o questionamento responsável da realidade, levando à formulação de problemas e ao encaminhamento de soluções adequadas e coletivas. Ao final os alunos(as) realizam uma atividade formativa, para reflexão e aquisição concreta dos temas abordados e, em seguida, sugerem temas para as próximas discussões.

## ALGUNS TEMAS ABORDADOS

Quando discutimos o tema “A questão da Mulher na Atualidade” buscamos compartilhar histórias, experiências, que permitiram a reflexão acerca dos desafios que as mulheres encontram em seu dia a dia pelo fato de serem mulheres. Nessa atividade, trazemos ao conhecimento dos alunos a experiência e história vivida pela escritora Maria Carolina de Jesus, que não concluiu os estudos, mas buscou romper com os limites que possuía e adquirir o conhecimento que a possibilitasse expressar-se por meio de seus escritos, enquanto mulher, negra, trabalhadora, mãe e moradora da favela. Elucidamos que a identidade feminina é socialmente construída, como afirma o trecho clássico de Simone Beauvoir “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 09), pois a identidade feminina e a identidade masculina vão sendo construídas, por meio da interação social, cujos condicionantes são biológicos, psicológicos,

mas sobretudo, sócio-culturais. Demonstramos, como esses condicionantes limitam muitas vezes e determinam o campo de atuação desses diferentes sujeitos. Nas atividades, levamos aos estudantes o impulso para a reflexão sobre tais questões e elucidamos a importância de relacioná-las com a sua trajetória de vida, que se objetificam nas respostas trazidas pelas educandas a questão: Quais os desafios que você encontra no seu dia a dia por ser mulher?

**Desafio é enfrentar o preconceito de uma sociedade, em busca de superar os limites impostos a condição da mulher e seu papel na sociedade. (Aparecida)**

**Eu fui mãe aos 15 anos parei de estudar na 8ª série do ensino fundamental para cuidar do meu filho e estou passando dificuldades por não ter terminado os estudos. Depois de 7 anos vol-**



Hoje não, mas no passado fui impedida de estudar por ser mulher e mulher casada, não poderia estudar, isso me entristeceu muito na época. (Neuza)

Sim deixei de fazer um curso que tinha muitos homens matriculados, não consegui permanecer por discriminação e brincadeiras maldosas. (Bruna)

tei a estudar para trabalhar e dar uma vida melhor pra o meu filho. (Bruna)

Os desafios são diversos, mas o mais difícil é conquistar o meu espaço como profissional, como dona de casa, como mãe e avó, porque as pessoas não estão preparadas para aceitar que a mulher está cada dia mais empoderada. (Rita)

Ao serem questionadas sobre o que já deixaram de fazer por “ser mulher”, as respostas são ainda mais instigantes:

Essa atividade possibilitou a compreensão acerca de como o estabelecimento de um “papal feminino”, que é constituído socialmente, de fato interfere na escrita da história e experiências de vida que as alunas vivenciam, o que influencia suas concepções de mundo e as relações que estas estabelecem com o todo social. Embora muitos movimentos contribuam para a busca de formas de superar os limites impostos à mulher e a sua condição de vulnerabilidade social, é nítido o quanto esse conhecimento e informação acaba sendo limitado à academia e àquelas pessoas com maior poder aquisitivo, e com isso, não possibilita



que inúmeras mulheres tenham acesso a um saber que transcende o imediatismo.

Reivindicamos, enquanto professoras, a importância de haver espaços de reflexão acerca de temas que, por talvez desconhecerem, acabam limitando os estudantes unicamente, àquelas visões distorcidas da realidade, como por exemplo, no tema “Diálogos que NÃO Acontecem” que buscou viabilizar a reflexões sobre o machismo enraizado na sociedade de modo geral, entre homens e mulheres também. Os educandos realizaram leituras compartilhadas de textos e poemas que sensibilizaram o início da roda de conversa, para uma introdução ao tema, e como atividade formativa, responderam à um questionário sobre o machismo, que os impulsiona a refletir sobre algumas das atitudes cotidianas que praticamos, os estudantes são levados a refletir, por exemplo, sobre a Lei Maria da Penha: Você acha que a Lei Maria da Penha é um “privilegio” para as mulheres?

**Ela é sim, um privilégio por ser direcionada diretamente as mulheres, mas na prática a justiça não consegue fazer**

**valer as leis, as mulheres sofrem nas mãos dos companheiros (...) (Carlos)**

No contexto do questionário, a pergunta a seguir aborda a questão da “ajuda” que homens/companheiros executam no ambiente doméstico, sendo este termo utilizado para elogiar uma atitude masculina que deve ser natural e não atribuída a um gênero, no caso, feminino: Sendo homem, quando você lava a louça ou faz alguma das tarefas domésticas, considera que está “ajudando” a mãe/esposa/irmãs/avó/etc.? Sendo mulher, quando um homem lava a louça ou faz alguma das tarefas domésticas, considera que ele está “ajudando” você?

**Sim, é sempre bom ter a ajuda do parceiro em casa, meu marido trabalha muito fora e quando ele lava um prato ou um copo, está sim me ajudando muito. (Catarina)**

Contudo, é evidente que espaços como estes aconteçam para que os estudantes possam refletir, repensar, conscientizar sobre suas atitudes que por vezes inconscientemente, reforçam o cenário machista como sendo legíti-



mo e natural. Se era algo que pensasse para si, no momento da atividade demonstrou e identificou-se a ausência de informações sobre uma legislação como a Lei Maria da Penha, em quais contextos sociais ela está inserida, o “por quê” ou “pra quê” desse tipo de legislação, etc. Atitudes que endossam o machismo ao achar que o homem que realiza tarefas domésticas faz um favor à mulher, que em sua maioria também trabalham ‘fora’ para complementar a renda da família. Vale dizer que a alfabetização e a conscientização são princípios essenciais da educação que nunca se separam.

O trabalho desenvolvido com os alunos também nos trouxe a necessidade de se trabalhar a questão da masculinidade. Na atividade “Sobre Paternidade Honesta, Justa e Participativa” buscamos promover a equidade familiar tendo como viés a questão de gênero, que se desenvolve no interior de uma sociedade patriarcal. É preciso pensar a masculinidade de uma forma não-violenta, no sentido de como se constrói a masculinidade. Essa atividade, pensada como um di-

álogo que abarca homens, mulheres e as mais diversas identidades, trouxe a importância da paternidade no seu potencial de fazer a diferença, em um mundo caledado por tantos séculos marcados pelo machismo. Os alunos refletiram sobre as relações de gênero e sobre como os paradigmas do machismo são ensinados às crianças, a equidade no ambiente familiar trata-se muito mais do que dar a mulher uma simples “ajuda”. Nesse sentido, embora alguns homens ‘participem’ da criação dos seus filhos, o papel de cuidar, zelar e educar ainda é majoritariamente destinado às mulheres, que lidam com afazeres dentro e fora de casa. Ainda estamos longe de contar com a presença efetiva dos homens na criação dos filhos? Por que?

Sim, pois os homens pensam ainda que só precisam prover a família monetariamente e foram criados assim, embora a sociedade esteja mudando aos poucos, as novas gerações podem ser treinadas para ter a equiparação dos deveres. (Guilherme)

Tem havido algumas mudanças visíveis, mas ainda não suficiente, porque a maioria ainda não aceita fazer tarefas as quais eles foram acreditando que não deveria fazer por ser serviço da mulher. Em sua cabeça ainda há tabus a serem rompidos. (Vera)

Assim, os educandos chegam à conclusão de que a paternidade não se difere da maternidade, pois não há exclusividade de papéis, as responsabilidades sociais devem ser iguais para qualquer pessoa humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão fundamental aqui levantada nos permitiu abordar a centralidade do ato responsável dos professores da educação para emancipação para todos ao longo da vida. A escola, nesse sentido, permitiu compreender criticamente, aprofundar e modificar as relações sociais e a realidade de modo que a constituição dos sujeitos envolvidos na formação humana fosse estabelecida. Segundo Paulo Freire (1997, p. 76), ao tratar da responsabilidade do estudo afirma que “quanto mais assumirmos esta disciplina tanto

mais nos fortalecemos para superar algumas ameaças a ela e, portanto, à capacidade de estudar eficazmente”. Portanto, o sentido de responsabilidade e ousadia dialogam entre si na medida que entendemos que somos seres críticos e eticamente responsáveis em relação com a alteridade que mobilizamos no ato de ensinar e de aprender.

Foi possível compreender, por meio dessa análise, o quanto a naturalização ainda está presente no imaginário e na conduta social dos parti-

cipantes, mas que com a intervenção ousada das professoras através das problematizações possibilitam o entendimento das construções históricas dos papéis sociais e das expressões tratadas em cada tema estudado. Dessa forma, as ações educativas do projeto A Vez Delas propõe uma visão de escola que não se limita a “passar informações” mas sim “atribuir significados” para a construção do cidadão-trabalhador “capaz de interferir criticamente na realidade para transformá-la e não apenas formar para integrar o mercado de trabalho”, como aponta Libâneo (2013, p. 51). A emancipação humana consiste, nesse sentido, que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem sua coragem e esforços para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência.

Embasados pela Teoria Crítica, a temática educacional e formativa tornou-se fundamental ao desenvolvimento do projeto, pois o trabalho do professor perpassa a “experiência formativa” em suas dimensões essenciais,

pois possibilita ao professor abrir-se à experiência do objeto em análise, experimentá-lo e tornar-se experiente, e por essa via, autônomo. O professor deve impulsionar a formação de sujeitos vivos, sem perder de vista os processos culturais, políticos e econômicos que interferem na capacidade humana de agir com autonomia. Os processos reais, desenvolvidos na sociedade capitalista, não apenas alienam os homens a ponto de não compreenderem as suas experiências de vida e atribuir significados a elas, mas domina a consciência humana através da prevalência do interesse de lucro e fins rentáveis. Os problemas relacionados à formação humana que identificamos na educação podem ser compreendidos como a crise da formação cultural da sociedade capitalista como um todo, o que nos desafia, enquanto professores, pela reorientação da educação, no sentido de promover o domínio pleno do conhecimento e a capacidade de reflexão sobre a realidade, munidos do pensamento que abarca a reflexão, a criticidade e a autodeterminação.



**TODA MULHER BRASILEIRA  
APRENDE DESDE MENINA  
QUE LUTAR E SER GUERREIRA  
TAMBÉM É SER FEMININA**

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇÃO EDUCATIVA, ECOS & INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE/SP. Campanha Educação Não Sexista e Antidiscriminatória. São Paulo, 2011.

ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. Para uma filosofia do ato responsável. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. São Paulo: Nova Fronteira, 1980.

FINI, Maria Inês; MICELI, Paulo. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias. São Paulo: Secretaria da Educação, 2012;

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'água, 1997. Educação como Prática de Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, RJ. Autores Associados. Nº 14, Mai/Jun/Ago 2000.

LIBÂNEO, J. C. Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática. São Paulo, SP: Editora

HECCUS, 6ª edição, 2013, p. 43–57.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. Em defesa da escola: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MICHAELIS. Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Dicionários Michaelis, 2259 p.

RODRIGUES, Neidson. Educação: da Formação Humana à Construção do Sujeito Ético. Revista Educação & Sociedade. Campinas, SP. Nº 76, Ed. Especial 2001 p. 252–257.



# O TEU FUTURO

DEPENDE DE FERRAMENTAS E  
MÉTODOS PARA CONSEGUIR  
COLABORAR

Por Lala Deheinzelin

**E** Existem momentos históricos que são pontos de Transição, por exemplo, o período que passamos da monarquia para república, e dos monopólios sustentados por escravos para uma economia industrial. Agora estamos passando por uma dessas Transições. a maior da história humana. Tanto a Transição como sua intensidade e velocidade são consequência do que vivemos em rede: tudo conectado com tudo, e fora do tempo e do espaço. Percebi isto quando minha filha estudava em Japão: chamava e ela respondia imediatamente (18550 km!!). E o mais estranho, respondia amanhã! No Brasil era segunda e lá era terça.

Operar fora do tempo e do espaço

+ desmaterialização + tudo o relacionado com tudo = ritmo exponencial. É quando você se sente encurralado: nunca mais vai conseguir responder todas as mensagens, ficar em dia com as notícias ou finalizar a lista de pendências. Nunca mais conseguiremos extrair recursos naturais sem levar em consideração as consequências. Nunca mais iremos nos permitir desperdiçar tempo ou não preparar nosso corpo e saúde para dar conta do rápido ritmo do exponencial.

Esse é o desafio. Nós, o planeta e o tempo, somos lineares, para nós 5 e 5 são 10. Na rede exponencial, 5 e 5 são 3125 (5 elevado à quinta): como fazer com que a conta feche ?





Já não é mais possível sobreviver sozinhos. Aqueles que operam em ecossistemas colaborativos se darão bem, a começar pelas estruturas organizacionais chegando até a sinergia entre empresas. Em um mundo com desafios e escalas que crescem a um ritmo vertiginoso, a combinação tecnologia + colaboração é a única forma de operar exponencialmente.

Aprendendo a colaborar é possível criar sistemas de apoio mútuo e operar

como ecossistema: cada um faz uma parte e todos se beneficiam. A mutualização pode começar com compras coletivas; compartilhamento de infraestrutura ou de logísticas de distribuição; com a expansão dos mercados quando convergimos nossos contatos; com intercâmbio e rodízio de talentos; com mais força na atuação e defesa setorial. E ainda, com a inovação aberta, que co-cria produtos e serviços que terão mais valor no futuro.

Nós preparamos profissionais e organizações por meio da combinação de “futuring” (design para o futuro) e novas economias (criativa, compartilhada, colaborativa e multivalores) e a essa combinação chamamos de Fluxonomia 4D. A resposta completa está

no meu novo livro ‘Novas Economias Viabilizando Futuros Desejáveis’ ou em nossos treinamentos e assessorias. Temos alguns “como implementar” disponíveis no nosso site e em TED Talks. Mas preparei aqui um passo a passo especial para vocês:

### Passo 1: Esteja preparado para o exponencial.

A chave para lidar com ele é “fazer juntos”, a capacidade de convergir, que depende de duas coisas. Primeiro está a tecnologia, que está presente na tua vida, talvez até demais. E segundo, a colaboração, que parece simples,

mas não é. Prepare-se para usar as tecnologias, não para ser usado por elas. E para desaprender a competição, a desconfiança e o “cada um por si”, do contrário não haverá colaboração.

### Passo 2. Alfabetização de futuros

A informação produzida no mundo foi acelerada exponencialmente: demorou de 100 AC até 1700 DC para duplicarse. Se duplicou outra vez entre 1970 e 1980, hoje se duplica em um ano e com a internet das coisas se duplicará a cada 12 horas. Em outras palavras: antes o futuro tardava séculos em chegar, agora chega em anos. Embora, a maioria segue guiando-se

pelo passado, em educação e em administração. Somos analfabetos do futuro.

Inclua estudos futuros no cotidiano de sua equipe e negócio. Em Fluxonomia, o enfoque vai além das tendências, pois essa Transição é como uma metamorfose: nada vale criar cenários possíveis para o ovo, precisamos co-criar a vida do pássaro. As equipes

criam seu futuro desejável pessoal e organizacional e os pontos em comum mostram a visão de futuro compartilhada por todos. Esta é a melhor bússola para que a companhia decida onde e como quer ir, além de alinhar e comprometer as equipes.

Tenha em conta que o carnaval, o futebol, a igreja são poderosos porque

provêm de um desejo comum. Um ecossistema colaborativo precisa criar uma visão comum do futuro. A partir daí, os grupos se auto regulam, mostram mais entusiasmo e operam com base na confiança. O futuro que tua marca quer é também o melhor slogan para a comunicação.

### Passo 3: Ênfase no valor intangível.

Aqui procuramos soluções a partir da economia criativa, que é estratégica para o futuro, pois gera valor a partir do conhecimento, criatividade, valores humanos, talento. Esses são recursos exponenciais, que não se consomem, senão que se multiplicam com o uso! Quanto mais se usa, mais se tem. Para ter mais valor, garanta que os diferenciais da tua iniciativa e de cada pessoa

sejam claros. Faça com que os talentos sejam conhecidos e usados e que tudo isto seja comunicado.

Teu propósito é teu diferencial: crie produtos e serviços com impacto positivo. Teu negócio tem futuro se satisfaz as necessidades do mundo. Você cuida do quê? O “para que” é a chave do teu marketing, é o que gera valor para seu negócio.

### Passo 4: Compartilhar é passar do ter ao usar.

Compartilhar espaços, equipamentos e suprimentos já é parte da nosso cotidiano, mas poderia estar mais presente nas empresas: pensa duas vezes

antes de investir em espaço e infraestrutura. Inspire-se nas cervejarias artesanais, que estão em alta hoje em dia, em parte porque não criam suas pró-

prias plantas industriais mas aproveitam o tempo de inatividade das grandes indústrias ou se juntam para criar centros de produção compartilhados. O intercâmbio de infraestrutura otimiza os custos e facilita a vida de todos: verifique quem tem espaços, equipamentos e suprimentos inativos ou excedentes. Conseguimos exponenciar o capital tecnológico e natural passando da posse ao uso compartilhado, veja Uber, Airbnb, Co-workings, etc.

Uma dica de algo que sempre fazemos com nossos clientes: mapear e combinar tudo o que está disponível em uma iniciativa ou em suas equipes

e que pode ser trocado. Além de gerar abundância, é uma maravilha para fortalecer laços de confiança.

Para tornar possível teu futuro desejável, há mais recursos do que você imagina se mapearmos e usarmos recursos além do monetário. Comece por mapear o capital intelectual, o talento disponível e a colaboração virá do intercâmbio de habilidades. Uma área precisa marketing digital, e na outra tem alguém que sabe. Qualquer um que deseja uma aula de inglês pode trocar com alguém que deseja planejamento financeiro, e assim vão se criando vínculos e aprimorando talentos.

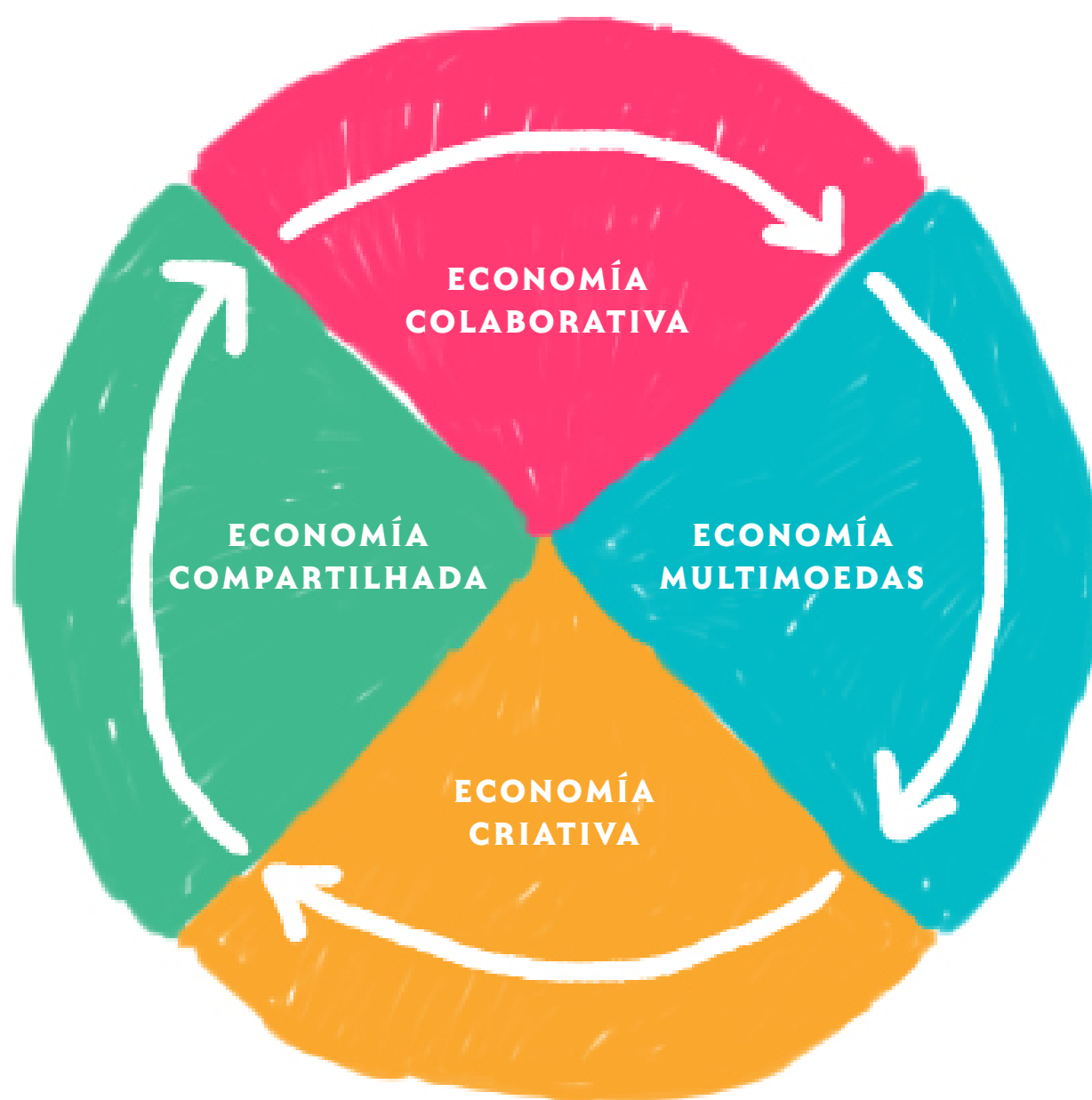
### Passo 5: Mais relações e menos burocracias.

A chave para cada negócio está nas relações: você já tem o conhecimento (cultural) e a infraestrutura (ambiental), agora faltam as pessoas (social). Mapeie parceiros, clientes, pessoas influentes, líderes aos quais sua equipe tem acesso. E se você opera em colaboração, o acesso às redes dos seus parceiros irá expandir exponencialmente o seu capital social.

O recurso mais escasso e valioso é o

tempo, a outra face da moeda. Quais processos podem ser simplificados? A burocracia custa caro demais, em tempo, recursos, pessoas e entusiasmo! Um dos grandes desafios que temos que enfrentar nesta Transição é reduzir a burocracia e criar parâmetros para que cada um, dentro de um projeto ou empresa, tenha boas condições para co-gestão.

Essa é também uma excelente oportu-



tunidade: nossas práticas mostram taxas de otimização que vão do 15 a 3000%. Alguns clientes conseguiram triplicar tudo (compromisso, visibilidade, resultados) ao re-pensar seus processos. Exemplos: preparar equipes para trabalhar de forma remota; co-criar critérios para tomada de decisões; não confundir o operacional e

o estratégico; e priorizar a ação em grupos e centros.

A colaboração ajuda a reduzir a burocracia e gera enormes economias de tempo, equipes e dinheiro. E aumenta o entusiasmo, motor de todo trabalho. Através de parcerias a colaboração produz tempo.

#### Passo 6: Diferenciar receita e valor.

O futuro do seu negócio depende de ir além da geração de receita. Você deve gerar valor: ter (e comunicar!) impacto positivo nas quatro dimensões: cultural, ambiental, social e financeiro. Ao mapear recursos não monetários, você aprendeu a reconhecerê-lo e assim será muito mais fácil identificar os resultados além do monetário (chamados de 4D). Seu produto ou serviço cuida do futuro e do bem comum se gerar resultados 4D. Você gera receita, claro, porém, você também cria valor, com mais alcance, e os seus clientes irão lembrar de você e voltar a te escolher.

Ter receita como única métrica de resultados (monetários e quantitativos) é como tentar prever o tempo medindo o tamanho das nuvens. O clima

depende da dinâmica das interações entre diferentes fatores. O seu negócio também. O valor de cada profissional e da organização em conjunto, depende do seu impacto cultural, ambiental, social e, claro, financeiro. Se é positivo, você, profissional ou empresa, terá credibilidade no sentido mais amplo da palavra. O diagrama de Fluxo 4D mostra uma maneira simples de obter resultados positivos. Para cada ação, produto ou serviço, pergunte-se: Isto otimiza e gera mais conhecimento, criatividade, valores humanos (culturais)? Otimiza e gera mais recursos naturais ou tecnológicos (ambiental)? Otimiza e gera mais conexão e ação conjunta (social)? Otimiza e gera mais tempo e qualidade de vida (financeira)

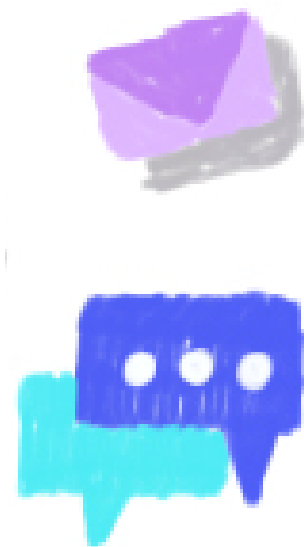


### Passo 7: A convergência gera potência.

Observe que as iniciativas mais bem sucedidas têm sua força na sua capacidade de convergir: Amazon converge quem quer vender e comprar de tudo; Airbnb converge hospedagem disponível e por aí vai... Se você já trabalhou os passos anteriores, estará bem preparado, como profissional, ou como organização, para o que foi nosso ponto de partida: fazer juntos, convergir. Então, você saberá como combinar tecnologias e colaboração, e aproveitar o exponencial. Você irá

conseguir otimizar tempo, recursos e equipes operando em ecossistemas colaborativos. E você irá fazer isso enquanto constrói futuros (e presente!) melhores para todos.

Imagina que a Transição é uma onda: use-a para surfar e chegar até um lugar melhor. Aja rápido, procure métodos e ferramentas adequados para o século XXI (como as nossas, claro) e assim evite levar um caldo e bater na areia.





O resultado dos nossos sete passos é que você e sua iniciativa serão relevantes, terão valor e longevidade garantidos. Não tarde em decidir atuar de forma inovadora, preferencialmente operando nas quatro dimensões (cultural, ambiental, social e financeira) e com as quatro novas economias (criativa, compartilhada, colaborativa e multivalores). As ferramentas da Fluxonomia 4D foram criadas para apoiar você no caminho de fazer do exponencial e da Transição uma oportunidade, e não uma crise.



# 795

Artes e Revolução

**EDIÇÃO ESPECIAL**

SELEÇÃO AUTORES BRASILEIROS

**SEMANA DE ARTE ILHABELA 2020**